



Talento, pra quê?



Primeiras Palavras

Marília Sarkis

Quem nunca ouviu pelos cantos do mundo expressões como “Esse menino tem talento”, “Você precisa de talento para fazer isso”, “Talento é o diferencial dele”? Apesar de fazer parte do cotidiano das pessoas, não se sabe ao certo sua origem e porque alguns indivíduos possuem talento para fazer alguma coisa e outros não.

Talento pode significar uma vocação, um dom, uma habilidade para desenvolver certas atividades, como artes plásticas, música, literatura, esportes... Como essa habilidade pode se manifestar de várias formas, procuramos desvendar qual o mistério que há por trás de se ter ou não uma vocação, assim como a opinião de profissionais especializados em encontrar talentos.

É genético? Há uma idade para ser descoberto? Onde se pode encontrar o talento artístico? O que a night, que muito agrada principalmente os jovens cariocas, tem a ver com esse assunto? O que devo fazer para que meu talento seja despertado ou reconhecido? Essas são algumas questões que procuramos responder nas matérias que publicamos nesta revista. Além disso, você também encontrará um mundo de expectativas, lutas, paixões e histórias bem contadas.



Sumário

A CAÇA AOS CAÇA-TALENTOS	2
NO CAMINHO DA FAMA	6
PEQUENOS GRANDES NOTÁVEIS.....	10
FILHO DE PEIXE PODE NÃO SER PEIXINHO.....	14
FAZENDO DIFERENTE	18
SEM PRESSA	21
PERDIDOS E ACHADOS PELA RUA	24
TALENTOS NA NOITE DO RIO.....	28
A ARTE DA TATUAGEM.....	31



ECLÉTICA É UMA REVISTA SEMESTRAL DOS ALUNOS DO DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA PUC-RIO, ESSE NÚMERO FOI PRODUZIDO PELA TURMA DE 2009.2 DO CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL, HABILITAÇÃO EM JORNALISMO, DA DISCIPLINA DE EDIÇÃO EM JORNALISMO IMPRESSO.

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE
COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROF. ANGELLUCCIA HARBERT

COORDENAÇÃO EDITORIAL
PROF. FERNANDO SÁ

PROGRAMAÇÃO VISUAL
PROF. AFFONSO ARAÚJO

ALUNA EDITORA
MARÍLIA SARKIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
RUA MARQUÊS DE S. VICENTE, 225 – ALA KENNEDY
6º ANDAR – GÁVEA – RIO DE JANEIRO – RJ
CEP: 22453-900 – TEL.: (21) 3527-1603

A caça aos Caça-Talentos

Fomos atrás dos que vão atrás de novos talentos

CLARICE RIOS E CORA AYRES

Quem nunca sonhou estar cantando num barzinho ou simplesmente andando pela rua, e de repente, ser descoberto por um caça-talentos? Ou que pessoa apaixonada por futebol não queria a visita de um olheiro (o caça-talentos do futebol) na sua pelada com os amigos? Os caçadores de talentos estão no imaginário das pessoas, só que essa profissão não é mais tão comum assim. Meninas e meninos em todo o Brasil sonham em ser modelo, ator, cantor e jogador de futebol. Muitos deles correm atrás de uma chance indo de “porta em porta” e se arriscando a receber um não. Outros ficam esperando que alguém os descubra.

Carlos Andrade é agente e diretor da Top Kids e Teens. Seu dia-a-dia é basicamente na agência de modelos e atores onde é responsável pelas avaliações de interpretação e pelos testes fotográficos. Andrade informa que na maior parte das agências não existe mais a figura do “caça-talentos” que sai às ruas em busca de alguém excepcional. O método mais comum é o cadastro pelo site e, posteriormente, o teste presencial.

Mas quando Andrade está na rua, liga o faro, já treinado pelo tempo de profissão, e segue sua intuição para encontrar novos talentos. Na agência, apesar de não ter nenhum *headhunter* especializado, todos já têm o espírito de caçador e são treinados para descobrir pessoas que tenham boa aparência e simpatia.

A possível superficialidade do olhar de um caça-talentos de atores e modelos talvez tire o glamour da



Edilene de Franca, a número 2, comemora gol com as companheiras de Seleção

profissão no imaginário das pessoas. Quando esse profissional vai às ruas, na maior parte das vezes, tem poucas ferramentas para descobrir o talento, senão a aparência e o carisma que transparecem. Como Andrade define: “há uma procura por alguém fora dos padrões”.

Para ser modelo a beleza é importante, no entanto, para seguir a carreira de ator muitos outros fatores estão em jogo. Esse é um dos motivos que as agências Top Kids e Teens, no centro do Rio, e a Qualitá, em Copacabana, alegam por não optarem por um profissional especializado. A partir do site ou pelo telefone, mais oportunidades são abertas e o candidato pode provar sua aptidão. Já a agência tem mais opções, e diminui o risco de perder alguém que à primeira vista não parecia ser “talentoso”.

Abrir o teste para o público pode também dificultar o trabalho, especialmente para quem lida com crianças e adolescentes. A habilidade da criança tão evidente para os pais nem sempre é reconheci-

***“Ainda mais difícil é informar
a um pai coruja que seu filho
não tem talento”***

Carlos Andrade



Candidatos a famosos mostram seu talento nas agências.

da pelos avaliadores. “Muita criança quando chega à agência não quer se apresentar ou fica com vergonha, porque para ela é um ambiente estranho. E os pais ficam insistindo e dizendo que em casa ele faz tudo bonitinho”, conta Andrade. É preciso muito jogo de cintura para convencer os pais a não insistir se a criança não quiser. Ainda mais difícil é informar a um pai coruja que seu filho não tem talento.

A dificuldade de abordagem nas ruas é outro fator que promove a extinção destes profissionais. Casos de indivíduos que se fazem passar por agentes de modelo e enganam jovens, deixaram a população mais desconfiada e precavida. “Quando vemos uma criança ou um adolescente fora dos padrões, fazemos sempre a abordagem com os pais, entregando um cartão da agência, e quando há uma mulher bonita falamos com o namorado para eles não acharem que é uma cantada”, ressalta.

Das agências aos gramados

No futebol o caça-talentos é conhecido como olheiro. Os meninos e meninas que sonham ser jogadores ainda contam com a ajuda desse profissional. A discrição é a maior característica do obser-

*“Sem sangue novo o coração
pára, sem novidade a
engrenagem emperra”*

Alexandre Ktena

vador. Sem se identificar, ele vai às competições em busca de novos talentos.

É assim que o olheiro Flavio Rangel, também Diretor do Departamento de Futebol Feminino do Vasco, define sua atuação nos campos. Sempre muito discreto, ele prefere manter o anonimato para não interferir no estado emocional dos atletas.

Rangel vai atrás de novos jogadores nas chamadas “várzeas”. Essas são competições normalmente organizadas por comunidades, associações de moradores ou pessoas físicas. Para um olheiro esse é o melhor local para encontrar novos talentos no fute-



O sonho de chegar às passarelas.

bol. O bom observador sempre sabe onde ocorrem esses jogos. “O melhor celeiro é a várzea, é possível identificar a qualidade e o potencial das jogadoras”, reitera Rangel.

O *headhunter* do futebol precisa ter paciência e foco. O desempenho dos atletas em cada jogo pode variar bastante. É preciso frequentar no mínimo três jogos para saber se a pessoa é realmente talentosa.

Rangel define o olheiro, como o próprio nome já sugere, como aquele que tem um “olho clínico” para encontrar um bom jogador. “Quando eu vejo o toque na bola, a condução e o passe já consigo notar se aquele atleta tem futuro”, afirma.

Foi com o seu olho clínico que as jogadoras Thaynara de Araújo, Edilene de Franca e Jéssica Gomez saíram do time de sua comunidade e foram convocadas para a Seleção Brasileira. “Não há maior sa-

tisfação do que ver uma atleta que você acreditou sair de uma várzea, de uma favela, e despontar chegando à Seleção”, diz Rangel. Ele conta que elas se destacaram não só pelo talento inerente, mas também porque se dedicaram intensamente.

“Eu procuro dar toques sobre o trabalho dentro de campo, mas também no âmbito social, porque essas jogadoras são muito jovens, vêm de locais humildes. Então eu procuro alertar para que elas tenham maior controle, se afastem de más influências”, conta Rangel. O olheiro profissional não é só responsável por informar o clube a descoberta de um novo talento. Pode realizar, também, o gerenciamento da carreira do jogador e dar conselhos que contribuam para o crescimento pessoal. Ele tem papel importante no percurso do atleta, pois as negociações entre os clubes transformam o jogador em mercadoria. Quando se trata de jovens amadores é ainda mais imprescindível saber escutar o desejo e a vontade do esportista.

O mercado futebolístico movimenta muito dinheiro e fascina as pessoas. Há diversos casos de falsos olheiros que se aproveitaram da ingenuidade das famílias. Pessoas que deram todo o dinheiro que tinham para jogar num time no exterior e quando chegaram ao aeroporto não havia sequer alguém para recebê-las. Outras viajaram, e ao chegarem ao destino não havia clube, mas sim um esquema de prostituição.

Flavio Rangel informa que quando se gerencia a carreira de um atleta amador, a família tem que ser informada de tudo que está acontecendo. Ele faz um alerta para que as famílias não negociem nada pelo telefone, tudo deve ser documentado e autenticado.

Coisa do passado?

No ramo da música, pode se dizer que caça-talentos é “coisa do passado”. O produtor executivo Maurício Von Helde afirma que a função das gravadoras não é mais a mesma que antes dos anos 1980 e 90.

“As gravadoras tinham o monopólio dos meios de produção de música e controle sobre a mídia (rádio e TV), mas depois do barateamento do computador, das novas tecnologias de gravação e da consolidação da internet, as bandas e grupos começaram a surgir de forma independente, fazendo seus conteúdos e se divulgando”, afirma Von Helde.

Na maioria das vezes, quando o artista já tem um público e alguma fama, então, a gravadora o incorpora. As grandes empresas, que antes eram grandes “reveladoras de talentos”, hoje, são mais distribuidoras do produto musical. Esta mudança do comportamento ativo das gravadoras se deve à maior facilidade que os artistas hoje têm para se divulgar e, principalmente, criar um público.

O produtor musical da gravadora DeckDisc, Alexandre Ktena, concorda que não há mais um profissional que se concentre apenas na descoberta de um novo talento, mas, segundo ele, certamente as gravadoras e produtoras ainda buscam o novo. “Sempre haverá alguém buscando o NOVO com letras maiúsculas, seja ele um artista que encontrou uma maneira original de cantar um antigo sucesso, seja ele aquele compositor que fala de amor de um jeito que ninguém falou antes, seja ele uma pessoa que inventou um modo absolutamente inédito de misturar ritmos e melodias e de fazer disso uma revolução. Sem sangue novo o coração pára, sem novidade a engrenagem emperra”, ressalta.

Para o produtor da DeckDisc, se alguém assumir o papel do “caça-talentos”, este deve ouvir música o tempo todo, e “vasculhar” a internet com olhos e ouvidos atentos. O perfil ideal dessa pessoa é que ela esteja disposta a escutar tudo o que lhe mandam, ir a todos os eventos, e o mais importante, sem carregar nenhum preconceito.

Ktena acredita que não há uma regra para onde se possa encontrar um novo talento. “Os sucessos na maioria das vezes aparecem nos locais mais inesperados. Podem vir de uma garagem em Seattle, de uma fazenda em Goiás, de uma casa noturna do Baixo Leblon, de uma praia na fronteira da Bahia com o Espírito Santo, de uma churrascaria no meio da estrada, de um barracão caindo aos pedaços na favela, dos pilotis da PUC-Rio, num boteco pé-sujo nas margens da Lagoa do Abaeté... E esta lista aí é absolutamente real, ou de onde você acha que vieram Nirvana, Bruno & Marrone, Blitz, Falamansa, Wando, Jota Quest, Exaltasamba, Los Hermanos e Ivete Sangalo? Exatamente dos locais que listei ali...”, afirma Ktena.

Caça-se talento ou não, uma coisa é certa, ainda há muito artista por aí em busca de um lugar ao sol. “Sem dúvida a oferta é muito maior que a demanda. As gravadoras/produtoras recebem uma quantidade enorme de conteúdo (CDs, DVDs, MP3, links e sites) de bandas e cantores que têm o sonho do sucesso e elas não são capazes de absorver tudo”, diz Maurício Von Helde. ✂

A caça nos programas de televisão

O que as gravadoras já não fazem mais hoje em dia, os programas de televisão têm feito. O quadro *Garagem do Faustão*, do programa dominical de Fausto Silva, busca talentos musicais por todo o Brasil. Um exemplo vivo de que um sonho pode se tornar realidade é o da mineira de Itajubá, Myllena. Ela foi a primeira revelação do programa e após se apresentar no palco do *Domingão do Faustão*, foi contratada pela Som Livre e gravou seu primeiro CD. Myllena surpreendeu tanto que sua música entrou na trilha da novela *Caras e Bocas*, da TV Globo, como tema da personagem de Ingrid Guimarães. “Tudo aconteceu muito rápido, em quatro semanas a minha vida se transformou. Na primeira semana vi meu vídeo exibido no programa, na segunda, me ligaram para ir ao palco. Na terceira me convidaram para colocar a música na novela e na quarta fechei contrato com a Som Livre. Um trabalho de 10 anos, que se transformou em

realidade em apenas um mês! Nunca imaginei que seria assim. Você manda o vídeo do mesmo modo que joga na loteria, sem imaginar que possa ganhar!”, declara Myllena.

Só têm a chance de serem descobertos, aqueles que enviam seus vídeos para o site do programa. Segundo o diretor do *Garagem do Faustão*, Cris Gomes, a internet facilitou a entrada dos programas de televisão nesta busca por novos talentos. “O *Garagem* é uma ideia do apresentador Fausto Silva. Desde 2006 a direção vem trabalhando na execução deste projeto, mas somente este ano foi possível executá-lo. O objetivo do quadro é revelar talentos, dar oportunidade às pessoas de divulgar seu trabalho e está aí o diferencial do *Garagem*. A internet virou a porta de entrada para um dos programas mais tradicionais e conceituados da TV brasileira, que durante muito tempo da sua história



Myllena no palco do *Domingão do Faustão*

musical ficou à mercê das grandes gravadoras”, afirma Cris Gomes.

Para o diretor do *Garagem*, o espaço dos anônimos na televisão sempre existiu, e hoje, o que acontece é que a tecnologia facilitou e mudou o jeito de fazer televisão. O anônimo tem várias maneiras de interagir com os canais de TV e, por isso, acaba sendo mais fácil descobrir novos artistas.

No caminho da fama

Os desafios e conquistas de quem resolveu seguir nessa estrada

LÚISA SUSSEKIND E MELINA NASCIMENTO

Dinheiro, sucesso, popularidade e glamour. Palavras que querem constar no dicionário daqueles que estão no caminho da fama. Ser reconhecido na rua pode ser o sonho de muita gente. Daí se vê o aumento de *reality shows*, como o Big Brother e o American Idol, que são uma porta de entrada para o mercado televisivo. Mas nem todos têm a oportunidade de aparecer em programas como esses. Sendo assim, eles têm que buscar outras alternativas para mostrar o seu talento.

O fato é que para se chegar ao sucesso é preciso muita força de vontade e dedicação. São mudanças na rotina, ensaios, cuidado com a aparência e com a voz – dependendo de qual carreira se deseja seguir. Ainda sim, existe espaço para quem realmente quer entrar nesse caminho, mas a fama só será possível se a pessoa realmente estiver empenhada para que isso aconteça.

Já na estrada...

Anna Cláudia Hannickel pode não ser conhecida por muita gente, mas já participou do Coral das Meninas de Petrópolis, do Projeto Aquarius – ao lado do maestro Isaac Karabtchevsky – além de ter cantado o Hino Nacional, no Tribunal de Contas do Rio de Janeiro, para o prefeito Eduardo Paes.

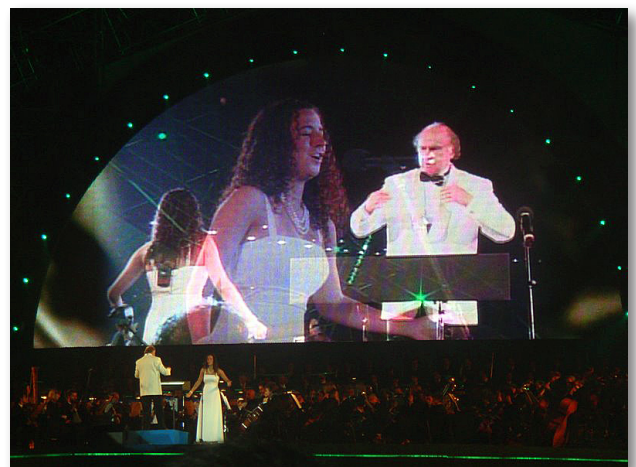
Como a maioria dos jovens, Nina como é mais conhecida, adora dançar *funk*, ir às boates, festas e shows. Mas, para manter o vozeirão em dia, precisa tomar cuidado com as saídas e evitar a “rouquidão”, que pode atrapalhar sua participação nos eventos. “Às vezes tenho que ficar em casa para cuidar da minha voz e da saúde”.

A estudante de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) acredita que outra dificuldade nessa estrada é o fato de

o mercado para a música – principalmente da clássica – ter poucas oportunidades. Sabendo disso, ao entrar na UFRJ resolveu fazer um curso de administração. A concorrência também é outro fator que Anna Cláudia considera uma dificuldade para se alcançar a fama. “É muita gente boa tentando a mesma coisa que você, todo mundo está estudando para isso”.

Mesmo com a rotina apertada, Nina sonha em ser uma grande cantora lírica e cantar óperas em teatros famosos. Para conquistar o seu objetivo, a estudante tem usado a propaganda “boca a boca” e investido em eventos fechados, como jantares e casamentos. A soprano desenvolveu também um site, que ainda está em construção, para divulgar os seus vídeos on-line.

Para Nina, o diferencial que possui em relação às demais



Anna Cláudia canta no Tribunal de Contas do Rio de Janeiro e com Isaac Karabtchevsky no Projeto Aquarius



Mariana no ensaio da banda Hyt e no show no pub Mud Bug, em Copacabana

cantoras líricas é a alegria, a dedicação, ter um estereótipo diferente e ser jovem. Além dessas vantagens, ela ainda conta com o apoio de uma equipe muito especial. “Acho que o apoio da família e dos amigos é fundamental, porque passamos por muitas dificuldades. São testes que nos negam, críticas, etc. E a força que recebo de todos é o que não me deixa desistir”.

Assim como Nina, Mariana Alho está percorrendo o caminho da fama. Além de estudar turismo na Universidade Veiga de Almeida (UVA), a jovem de 20 anos toca guitarra, violão, bateria, piano, pandeiro e cavaquinho. Se já não bastassem os instrumentos, ela ainda é cantora e tem duas bandas: Focco e Hyt. A segunda é de composições próprias e participam no quadro Garagem do Faustão.

Mariana deseja viver seu sonho. Para isso, ela teve que mudar sua vida social em função da carreira, uma vez que vive para os ensaios e suas bandas. “Tenho que trocar várias vezes a festinha, a viagem, o cinema, o churrasco, os amigos em geral, para me dedicar aos ensaios. Economicamente falando também é complicado, porque no começo se investe muito, e o retor-

no, quando vem, é só alguns anos depois”.

A cantora tem consciência das dificuldades enfrentadas pelos artistas. Sendo assim, é mais do que natural que Mariana tenha alguns temores em relação ao futuro: não conseguir se destacar na mídia, devido ao número de concorrentes; não conseguir se manter financeiramente quando alcançar o sucesso; e perder sua privacidade, já que a considera fundamental. Com esse futuro incerto, ela passa a valorizar ainda mais o apoio que recebe em casa. “Acho que o apoio é a melhor ajuda que alguém pode receber nesse tipo de profissão.”

Depois da conquista da fama, quais são os novos desafios?

Ernesto Xavier percorreu um caminho tão duro quanto o de Nina e Mariana. Mas ele já subiu alguns degraus a mais na escada da fama. Depois de atuar em peças de teatro, fez um teste para elenco de apoio da Rede Globo. Foi aceito e fez pequenas participações em novelas. Em *Duas Caras*, novela das oito que estreou em 2007, ele contracenou com sua avó, Xica Xavier.

Seu trabalho desenvolvido no horário nobre lhe rendeu um con-

vite muito especial de Miguel Falabella: participar da novela *Negócio da China*, que estreou em 2008. O autor escreveu uma personagem especialmente para ser interpretada por Ernesto. Agora, com mais visibilidade na mídia, o ator sentiu algumas diferenças causadas pelo sucesso. “A vida não muda tanto. Claro que acontecem coisas novas como ser reconhecido na rua, festas, lugares novos, mas é importante manter o rumo normal da vida, com amigos e família”.

Ernesto nunca buscou a fama. Seu desejo era trabalhar. Trabalhar e não ficar parado. E sempre com esperança, porque é um caminho com muitos desafios. São audições atrás de audições, alguns *feedbacks* positivos e muitos negativos. E depois disso tudo, teve que lidar com as mudanças de referencial de dia de trabalho. “O artista trabalha quando os outros se divertem. Sábado e domingo são dias normais de trabalho, mas uma segunda-feira pode ser ótima para ir à praia.”

Como tudo na vida, a fama tem vantagens e desvantagens. Por um lado, o reconhecimento público pode ser considerado motivo de orgulho, auto-realização e poder. No entanto, ela limita a liberdade



Ernesto (à direita) no intervalo da gravação da novela *Negócio da China*

individual, por torná-la uma figura pública. Esse medo também faz parte da vida de Ernesto. “Tenho medo de perder a privacidade. Não por mim, mas pelas pessoas que podem estar próximas a mim. Algum dia quero ter filhos, família e essas pessoas podem ser afetadas. Mas

isso depende de como você leva a vida. Quem procura não se expor e leva uma vida tranquila não é interessante para a imprensa”.

Ernesto pode ainda não ser objeto de interesse dos paparazzi. Mesmo assim, já se prepara para lidar com a perseguição da mídia.

Sempre que pode, se reúne com sua família, composta por alguns artistas, para pedir conselhos e lembrar sempre dos exemplos que tem em casa. Uma dessas dicas já é considerada por ele um diferencial para sua carreira. “Ter estudado muito e me dedicar a outras atividades é o meu segredo. Quem estuda e se informa tem vantagem. E ser simpático, fazendo amizades por onde passo é ótimo. Assim você sempre será lembrado para um novo trabalho”.

Ernesto pretende agora voltar aos palcos de teatros, sua grande paixão. E para o futuro, um pouco mais distante, pretende entrar para o cinema. E não somente como ator, com papéis que exijam cada vez mais dele, mas também como produtor. “Eu espero que algum dia eu possa produzir filmes dos roteiros que eu escrevo”.

Por trás da fama

Clara Sússekkind é bailarina profissional há 16 anos. Já fez balé clássico, balé moderno, sapateado, jazz, dança do ventre, dança india-

Filmes que falam sobre o caminho para a fama



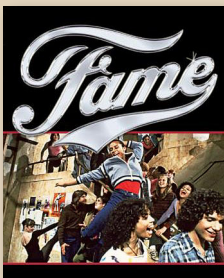
Na trilha da fama

A atriz e cantora Hilary Duff, no papel da jovem Terri, sai de uma cidade pequena para fazer um curso de verão em uma das escolas de música mais conceituada de Los Angeles. Uma história emocionante sobre como acreditar num sonho é meio caminho para torná-lo realidade



A malvada

Em busca de sucesso, uma jovem e ambiciosa atriz procura entrar no show business com a ajuda de uma famosa diva dos palcos. Para alcançar a fama ela tenta ocupar o lugar da estrela do teatro, manipulando sua vida e seus amigos mais próximos.



Fama

O clássico musical dos anos 1980, FAMA, mostra os desafios que jovens dançarinos, cantores e artistas enfrentam para alcançar o sucesso, enquanto ainda são estudantes da tradicional New York City High School of Performing Arts.



Chicago

Uma sonhadora cantora que busca a fama dos palcos da Broadway conhece na prisão uma ex-famosa. Juntas elas tentam chamar a atenção da imprensa, para voltar aos holofotes da Broadway.




Foto do book de divulgação de Clara

na e dança cigana. Ela tentou uma carreira na área durante muitos anos e acabou virando professora. Em 2006, foi para a Turquia estudar o giro Sufi, que faz parte do folclore turco. Mas como o país é muçulmano, ela não encontrou em Istambul alguém que a ensinasse.

Desistiu do estudo e resolveu ir à Capadócia para andar de balão. Essa viagem foi sem volta: arrumou um emprego no restaurante Harmandali e está lá até hoje. “Eu cheguei aqui só para fazer turismo. Entrei numa loja de artigos de dança do ventre e o vendedor me falou que seu amigo era dono de um restaurante. Eu fui lá, me apresentei e acabei sendo contratada. Danço lá todas as noites e com o restaurante sempre cheio.”

Clara já é atração turística na região. Aplaudida por pessoas do mundo inteiro, ela é considerada hoje a primeira-bailarina da Turquia. Para manter o cargo, a bailarina e ex-moradora de Copacabana, precisa ser discreta para que o público não descubra sua verdadeira identidade. “Seria tão frustrante para eles se soubessem que sou brasileira, quanto seria se descobrissem que a musa do carnaval carioca é na verdade turca”.

Por mais que tenha alcançado o sucesso, Clara não vive o conto de fadas que ela sonhava. Primeiro porque mora em um país de cultura completamente diferente da sua, no qual a mulher não tem espaço na sociedade. E depois, ela teve que deixar sua família no Rio de Janeiro: pai, mãe, sobrinhas, irmãos e a filha de 10 anos. “A Sofia

é a minha vida. Ela é tudo para mim. Mas como o destino me separou dela, eu preciso lutar para superar sua falta. Nós nos falamos pela internet todos os dias, e eu posso vê-la e ouvir sua voz. E ela vem à Turquia nas férias da escola e fica aqui um mês. No verão carioca, eu vou ao Rio e a vejo durante mais um mês.” 

10 dicas para se alcançar a fama

Ernesto Xavier, ator: Alcançar a fama é fácil, difícil é ser reconhecido pelo seu trabalho efetivamente. Qualquer um pode ficar famoso em um reality show. Acreditar no próprio talento e esforço é o segredo. O lema é persistir sempre.

Selma Correia, psicóloga: Não desistir jamais. Ir atrás do seu objetivo. Isso exige obstinação, ou seja, “não olhar para trás”.

Frederico Baumann, médico: Nunca se contente com o que já fez, por melhor que possa parecer. Sempre há margem para fazer alguma coisa ainda melhor.

Adriana Ferreira, chefe de reportagem da TV PUC: Para chegar ao sucesso tem que trabalhar, trabalhar, trabalhar. É preciso muita sorte, porque a pessoa precisa estar na hora certa e no lugar certo. Mas é necessário ter senso de oportunidade, para perceber o que é um bom projeto para o futuro.

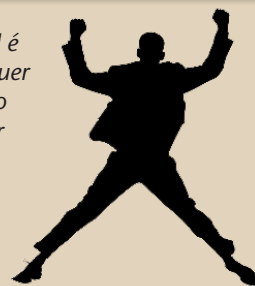
Anna Cláudia Hannickel, estudante e soprano: Não tenha vergonha de fazer sucesso. Isso é sinal de que seu trabalho é bom e foi reconhecido. As pessoas adoram conhecer alguém que faz sucesso e, por isso, vão transformar você no centro das atenções. Muitos podem sentir certo incômodo com isso. Mas esta é uma etapa que deve ser superada.

Mariana Alho, estudante e cantora: Determinação e humildade. Essas são as palavras-chave para quem quer ter sucesso na carreira.

Elan Brasil, engenheiro: Tenha perseverança e aceite desafios. Estabeleça objetivos. Cumpra metas.

Clara Sússekind, dançarina: A fama só vem com a persistência. São muitas dificuldades no caminho e é preciso lutar sempre. Por mais que muitos digam que é questão de sorte, para chegar ao sucesso e se manter lá é preciso muito empenho, dedicação e amor à profissão.

Marcia Fontes, arquiteta: Para se chegar ao sucesso é preciso antes de mais nada estudo. Seja em humanas, exatas ou até na arte. Não se chega a lugar algum sem uma boa formação acadêmica e uma cultura ampla das coisas.



Pequenos grandes notáveis

O talento descoberto desde cedo

ERICA GALEÃO E GUSTAVO COELHO

A rotina da jovem Paula Eduarda Chine Miguel não é igual à de uma garota comum. Ela tem apenas 11 anos de idade, mas a sua agenda é agitada como a de uma autêntica estrela do mundo artístico. Entre ensaios e viagens, aulas no colégio e atividades extracurriculares, Paula Eduarda parece conseguir fazer quase de tudo. Somente no campo musical, a garota aprende quatro instrumentos diferentes: piano, guitarra, violino e violão. Quase ao mesmo tempo, arruma espaço para aprender inglês, espanhol e italiano, além de praticar ginástica olímpica e natação. O dia-a-dia de Paula Eduarda é muito corrido, mas a história não poderia ser outra em se tratando de um fenômeno tão precoce como ela.

Há quem diga que certas pessoas demoram décadas até ver o próprio talento aflorar. No caso de Paula Eduarda, foi tudo muito rápido. “A trajetória dela começou meio sem querer. Um caça-talentos de uma agência a viu no meio de um *shopping*, achou ela bonita e veio falar conosco. Nós recusamos, mas no dia seguinte encontramos com ele de novo, no mesmo *shopping*. Ele nos convenceu a colocar a Paula na agência e isso mudou completamente o rumo das nossas vidas”, conta o pai da menina, Almir Miguel. Aqueles encontros fortuitos eram apenas o início de uma carreira que, em pouquíssimos anos, já alçaria voos muito altos.

Em 2001, já contratada pela agência Mega, Paula Eduarda levou o título de Miss Brasil Mirim. Tinha apenas três anos de idade. Aos cinco, quando já colecionava troféus nas passarelas e parecia ter pela frente uma promissora carreira de modelo, mudou de rumo e ganhou um programa de TV numa emissora de seu estado natal, Santa Catarina, onde fazia as vezes de repórter e apresentadora. E pensa que ela parou por aí? Nada disso: encantada pela música lírica, a garota de Florianópolis decidiu tentar a sorte como cantora e atualmente faz apresentações como soprano em São Paulo, para onde se mudou na tentativa de ter o nome reconhecido. “Jamais imaginávamos que seguirí-



A cantora-mirim Paula Eduarda já tinha seu próprio programa de TV aos cinco anos.

amos esse caminho. Não há como parar porque os convites vão aparecendo. É o destino dela, está traçado”, diz Almir, que dedica “24 horas ao dia” à carreira da filha. Mesmo com tantos compromissos, Paula Eduarda ainda encontra tempo para ir à escola como uma garota comum, mas não gosta de manter uma rotina muito normal. “Ela sempre gostou de desafios”, completa o pai.

No livro dos recordes

Paula Eduarda é um caso extremo de uma categoria de pessoas talentosas que sempre chamou atenção: os jovens prodígios. No site Rank Brasil – uma espécie de versão nacional e on-line do famoso Guinness Book – a garota detém os recordes de mais jovem miss eleita, repórter e apresentadora de TV e soprano do país. Mas não é a única que possui marcas de precocidade impressionantes. Outro exemplo é o jovem Adauto Kovalski da Silva. Aos cinco anos, o menino entrou para o Rank Brasil – e, de quebra, para o próprio Guinness Book – como o mais novo escritor a lançar um livro no mundo.



Adauto Kovalski está no Guinness como o mais jovem autor a publicar um livro no mundo

A obra *Aprender é fácil* foi publicada em 2005 e, até agora, o recorde de Adauto não foi batido. “Ele desenvolveu o livro de forma lúdica para ensinar aos colegas de turma a aprender o que a professora do Jardim III passava a eles. O Adauto fala das letras do alfabeto e ensina como escrever e pintar brincando. Tudo com uma linguagem de criança”, explica a sua tia, Maria José Kovalski. Ao contrário de outros jovens prodígios, porém, o garoto não tem vontade de ficar famoso e hoje, aos nove anos, prefere levar uma vida normal. “Fazemos questão de frisar que o Adauto é como qualquer outra criança. Ele mesmo diz que o filho do vizinho anda muito bem de skate, mas ninguém vai lá fotografá-lo. Não fazemos nada de divulgação porque o Adauto ainda não sabe se quer ver seu trabalho divulgado”, afirma.

O trabalho, no caso, é muito mais do que apenas uma obra publicada. Dono de um talento artístico notável, Adauto faz pinturas em tela e escreve composições para piano. No futuro próximo, pretende lançar um livro de partituras. Mas, no dia-a-dia, vive

como os outros meninos de sua idade. “Ele estuda em turma normal. Em matérias como matemática, encontra as mesmas dificuldades dos demais alunos. Ele não tem nota baixa, mas também não chega ao 10”, diz Maria José. O jovem Adauto ainda não decidiu o que vai fazer com seu talento, mas já tem uma ideia – pensa em ser pianista, médico ou dentista.

Um prodígio em alta velocidade

Enquanto Adauto não tem pressa para escolher seu futuro, outro jovem talento já tem certeza de qual é seu objetivo. E quer chegar lá muito rápido, literalmente. Aos 13 anos, o paulistano Eric Granado é a mais recente revelação do motociclismo brasileiro e sonha disputar corridas na principal categoria do esporte a motor sobre duas rodas, a MotoGP. Ele ainda não tem idade para correr lá, mas já vai colecionando títulos enquanto pode. Em 2003, com apenas sete anos, veio o primeiro troféu: o do campeonato paulista. O mais recente, conquistado no ano passado, também foi o mais importante até agora – o



O piloto Eric Granado é a grande promessa do motociclismo brasileiro

título do Festival Metrakit, na Espanha, espécie de campeonato mundial em sua categoria.

Quando está no Brasil, Eric treina todas as segundas-feiras no circuito paulista de Interlagos. As viagens cada vez mais comuns para fora do Brasil são bancadas pela Irga, empresa do segmento de transportes de cargas superpesadas. “Desde o começo, sabíamos que estávamos investindo em um garoto diferenciado, vencedor. O Eric tem representado o Brasil da melhor maneira possível. Tenho certeza de que muitos outros títulos virão”, elogia o presidente da Irga, Lupércio Torres Neto.

Seja nas pistas, nas passarelas ou nos palcos, há sempre um jovem prodígio pronto para surgir – e impressionar. Mas até que ponto viver como uma estrela desde cedo pode afetar a vida de uma criança? A história tem muitos exemplos de famosos que surgiram muito jovens e nunca deixaram de brilhar – apesar disso, não são raros os casos nos quais a fama precoce se coloca como obstáculo para talentos muito especiais.

Rotina de gente grande

Há quem pense que iniciar a carreira o mais cedo possível seja o ideal. Parece que assim há mais tempo para experimentar coisas diferentes, ter mais chances de errar e encontrar o caminho para o sucesso de forma mais descomprometida. Mas as crianças e os adolescentes que ganham grandes responsabilidades ainda muito novos podem sofrer graves consequências no futuro. Para a psicóloga Maria Inês Bittencourt, é preciso ter muito cuidado. “Um artista mirim, por exemplo, seja ator ou cantor, precisa se dedicar bastante à carreira, que ocupa grande parte do dia. No entanto, muitas vezes, ele não está prepa-

Na construção de uma carreira equilibrada e saudável dos filhos, os pais exercem papel fundamental

rado para essa rotina, correndo o risco de apresentar distúrbios psicológicos na vida adulta”, afirma ela.

A psicóloga ressalva ainda que cada “caso é um caso”. Segundo ela, ainda não há um estudo que comprove os danos causados pela exploração de um talento “precocemente”. Há crianças que podem lidar bem com essa situação e até tirar proveito disso. Mas apesar de um notório amadurecimento mais rápido desses jovens, ela alerta que a infância e a adolescência devem ser preservadas. “Uma criança submetida a um trabalho sério pode acabar atropelando algumas fases da vida”, diz a psicóloga. “Ela é constantemente exposta a desafios e pode, com isso, perder o tempo de ser apenas criança. É importante que ela viva esse momento inocente”.

Segundo Maria Inês, tudo é uma questão de cultura. Antigamente, as mulheres eram destinadas a realizar afazeres domésticos desde novas, e os homens, a trabalhar ajudando na renda da família. Hoje em dia, a infância é um tempo valorizado e é considerado importante que a criança brinque e estude sem muitas preocupações. “Não há dúvidas de que o trabalho pode atrapalhar na formação escolar. Um jovem que se destaque por algum tipo de talento se torna o centro das atenções no colégio. A popularidade entre os colegas de classe pode subir à cabeça – sem contar com a falta de tempo. Se para um adulto já é difícil trabalhar e estudar, imagina para uma criança?”.

Na construção de uma carreira equilibrada e saudável dos filhos, os pais exercem papel fundamental. Muitas vezes, ao criar uma expectativa muito grande por um bom desempenho, eles os prejudicam. Uma criança que se sinta pressionada, pode se cobrar muito, e com isso, se tornar carente e, acima de tudo, dar origem a uma ansiedade fora do normal. “Ela tem medo de decepcionar os pais e por isso se comporta do jeito que eles querem. Mas é importante que os pais respeitem as limitações dos filhos e aceitem que eles têm vontades próprias”, diz Maria Inês. “Vale lembrar que a escola também deve observar o comportamento dos pequenos notáveis no convívio com os outros alunos. Nesse processo de formação do indivíduo, os professores devem agir em parceria com os pais”.



Famosos precoces

Mesmo que os danos psicológicos não sejam sempre os mesmos, é possível identificar diversos casos entre pessoas famosas que iniciaram carreira ainda crianças e, mais tarde, se tornaram centro de polêmica por causa de suas personalidades instáveis.

Abaixo, alguns nomes bem conhecidos:



Mozart, Michael Jackson e Drew Barrymore: talentos jovens e problemáticos

Mozart - O compositor clássico, autor de mais de 600 obras, mostrou uma habilidade fora do comum desde a infância. Aos cinco anos tocava teclado e violino e já compunha as primeiras melodias. Na mesma época, passou a se apresentar para a realeza da Europa. Aos 17, foi contratado como músico da corte em Salzburgo, na Áustria. Ao visitar Viena, em 1781, foi afastado do cargo, e optou por ficar na capital, onde conquistou fama, porém pouca estabilidade financeira. Teve uma morte precoce, aos 35 anos, sem causa definida.

Michael Jackson – Muito lembrado nos últimos meses por causa da sua morte, o cantor iniciou carreira profissional aos 11 anos, como vocalista dos Jackson 5. Mas desde os cinco anos já chamava atenção cantando e dançando entre os irmãos. Jackson ficou conhecido não só pelo talento inigualável, mas também pelos escândalos em que se envolveu mais tarde, como o misterioso embranquecimento da pele e as acusações de pedofilia.

Drew Barrymore – A atriz americana apareceu pela primeira vez na mídia aos 11 meses de vida, em uma propaganda. Barrymore estreou no filme *Viagens alucinantes*, aos cinco anos e, em seguida, estourou como a menina Gertie, no filme *E.T.- O extraterrestre*. Rapidamente se tornou uma das mais conhecidas atrizes mirins de Hollywood, mas teve uma adolescência turbulenta, marcada pelo excesso de álcool e drogas.

Maísa – A paulista Maísa foi descoberta aos três anos no programa de calouros do Raul Gil, onde dublou sucessos musicais. Em 2007, passou a comandar o programa *Sábado Animado*, no SBT. Com a atração infantil, a menina se tornou popular na internet e aos seis anos, ganhou espaço no programa dominical de Silvio Santos. Recentemente, ganhou o prêmio Troféu Imprensa na categoria “revelação”, mas está proibida de participar do programa de Silvio Santos, que está sendo investigado por suspeita de exploração indevida de imagem.



Maísa apresentando seu programa no SBT

Filho de peixe pode não ser peixinho

Será que talento passa mesmo de pai pra filho?

CAMILA MENDONÇA E MARIA GABRIELA DE OLIVEIRA

Ditados populares como “Tal pai tal filho” nos levam a crer que talento, inteligência e vocação são hereditários. Mas será que as máximas são verdadeiras? Existem muitos exemplos de pessoas talentosas, filhas de pais também talentosos. Podemos observar isso no meio artístico, no esporte, na literatura e até mesmo em famílias cujo talento para uma determinada profissão é passado de geração em geração. Diante desta situação, nos perguntamos: será que talento, inteligência ou comportamento podem passar geneticamente de pai para filho assim como a cor dos olhos, ou seria o meio onde a criança foi criada o maior responsável na sua formação?

O psicólogo Felipe Huthmacher acredita que a ciência ainda não conseguiu provar que esse tipo de transmissão seja de caráter genético. “Na prática, cada vez mais, a genética mostra que é capaz de dar conta da morfologia dos seres vivos, da estrutura dos vírus, por exemplo, o que a torna uma arma médica especial; mas no que se refere à psicologia, à subjetividade, às aptidões e aos talentos humanos, a genética, nesses campos, parece não ter muito a dizer”.



Bebeto homenageia o filho na Copa de 94

No entanto, os exemplos continuam a deixar essa dúvida acesa. O ex-atacante Bebeto, que sempre foi reconhecido pelo seu talento no futebol, começou sua carreira em 1983 no Vitória e atuou em alguns dos maiores clubes do país, como Flamengo, Vasco e Botafogo. Jogou também em grandes times internacionais como o Deportivo La Coruña e o Sevilla, na Espanha. Mas, sua maior conquista foi o campeonato mundial pela Seleção Brasileira na Copa de 94.

Durante a competição, Bebeto imortalizou o gesto conhecido

como “embala neném” ao comemorar o segundo gol na vitória do Brasil por 3 a 2 sobre a Holanda, nas quartas de final e dedicá-lo ao nascimento de seu filho Matheus. O que ninguém imaginava é que anos depois o menino seguiria os passos do pai destacando-se como jogador do Flamengo e da Seleção Brasileira sub-15.

Bebeto afirma que nunca teve a pretensão de ter um filho jogador de futebol, mas acredita que quando “é coisa de Deus” não tem jeito. “Desde pequeno, quan-

COLUNISTAS.IG.COM.BR/.../TAG/SELECAO



Bebeto com seu filho Matheus: o mais novo craque da família

do tinha um ano e meio Matheus já pegava na bola sem deixar cair, era impressionante a coordenação motora que tinha.”

Uma das correntes da psicologia acredita que talento está muito mais ligado à influência do meio do que à questão genética. Para os psicólogos, a fórmula está no filho querer ser igual ao pai e o pai querer que o filho o veja como um ideal. É normal que o filho absorva a vontade de ser como o pai e se desenvolva neste caminho dando a falsa impressão de que ele já tenha nascido com tal vocação.

De acordo com Felipe, afirmar que o filho do Bebeto tem o mesmo talento que ele só porque também está seguindo a carreira de jogador de futebol é muito pretensioso. Mesmo que ele venha a ter sucesso, não é possível dizer coisas do tipo “estava escrito”, “herdou do pai”, “é de família”. “Se fosse assim, seria fácil saber de onde viriam os novos craques do futebol, e pouquíssimos são os casos em que pai e filho chegaram ao mesmo lugar na carreira”, comentou Felipe.

Bebeto assume que o meio pode ter influenciado seu filho, mas não descarta a ajuda da genética e acredita que Matheus nasceu para jogar futebol. “Matheus nasceu em uma família de atletas, então eu acho que isso influencia muito, mas se ele não tivesse o dom não adiantaria nada. Acho que o mais importante é o dom, e isso eu tenho a certeza que ele tem.”

A fama do pai abre ou fecha portas?

Matheus é muito elogiado. Apesar de não jogar na mesma posição do pai e ter um estilo de jogo, segundo os críticos, totalmente diferente, sofre com as comparações. Bebeto conta que o fato de ser reconhecido só dificultou a entrada do filho no mundo do futebol, pois as cobranças foram ainda maiores. “Para entrar no futebol de salão do Flamengo, ele teve que fazer um teste (peneira) com mais ou menos 100 crianças. Eu não apareci nessa fase, porque não queria que as pessoas achassem que ele só passou por ser meu filho.”

Segundo o psicólogo, num caso como esse o importante é ter a consciência de que, tenha sido a escolha pela repetição da tradição familiar ou pelo talento, o esforço deve ser sempre no sentido de criar uma maneira própria, pessoal e singular de realizar o trabalho, para que o efeito inevitável e nocivo das comparações não afete o desenvolvimento da carreira.

Bebeto sempre se preocupou com o modo como seu filho lidaria com as cobranças. “Sempre falamos da importância que eu tive no futebol e todas as minhas conquistas. Por isso ele teria que procurar o seu espaço, fazer a sua história, caminhar com os seus próprios pés e provar às pessoas que ele está ali por mérito próprio e não por ser meu filho”.

E quando decidem quebrar as regras

Não são apenas os filhos que escolhem seguir a carreira bem sucedida dos pais que sofrem com as cobranças e dificuldades. Quando alguém decide tomar um caminho diferente daquele que todos esperavam, as exigências também são grandes. O corretor de seguros Carlos Henrique Tonini, faz parte da terceira geração de uma família de juristas. O sobrenome, conhecido no meio, foi construído pelo avô, o juiz de direito Renato Tonini. Desde então toda a família seguiu carreira na advocacia.

Mas o verdadeiro talento de Carlos Henrique são os jogos eletrônicos. O jovem de 23 anos é bicampeão brasileiro de um jogo de RPG multiplayer na internet. Em 2008 foi representar o Brasil na fase mundial que aconteceu nas Filipinas. Este ano, Carlos já está classificado para o mundial

A pesquisa mostrou que crianças geradas a partir de óvulos e espermatozóides de ganhadores de prêmios Nobel, não apresentaram a mesma capacidade dos pais

e embarca no próximo mês para o Japão.

“Eu jamais gostei do direito, mas sempre me senti na obrigação de continuar a tradição da família. Entrei na faculdade e não consegui concluir. A pressão da família me atrapalhou na hora de decidir o que eu queria fazer. Tive medo de escolher algo que não garantisse o meu futuro e ser ainda mais pressionado por isso”, confessou Carlos.

Para o psicólogo, fugir da linha profissional da família é normal e não significa falta de talento. Além disso, tentar obrigar alguém a escolher a profissão que não quer pode ser muito perigoso.

A aptidão para uma profissão diferente da família pode nascer de uma simples identificação com um adulto que tenha lhe dado um pouco mais de atenção, ou se aproximado de uma forma mais interessante. Às vezes a atividade da família é menos interessante do que aquilo que a criança vê o vizinho fazendo.

Segundo o psicólogo, querer seguir outro caminho pode ser também uma tentativa de enfrentar a família, um desejo efetivo de se diferenciar, ainda que posto em prática a partir de motivações inconscientes. “Excessos de autoritarismo, manifestações claras da

impossibilidade de a criança seguir outra carreira que não aquela da família, tratar a atividade familiar como uma obrigação: está aí uma forma eficiente de se criar um rebelde”, afirmou.

A questão genética

A ideia de que talento passa de pai para filho vem desde o século XIX com a publicação de *A origem das espécies*, de Charles Darwin. A possibilidade de estudar e promover alterações genéticas capazes de produzir modificações planejadas na raça humana fizeram emergir questões sobre a hereditariedade de algumas características e capacidades intelectuais.


Começaram então as especulações sobre o assunto. No fim do mesmo século, histórias como a de Tarzan mostravam que um homem poderia conservar o nível de inteligência, os valores morais e os hábitos ocidentais mesmo vivendo em ambientes e situações diferentes. Essa história provava a hipótese científica da época: o meio não exercia influência.

Ao longo dos anos surgiram muitas pesquisas sobre o tema. Em dezembro de 2001, uma pesquisa de neurocientistas americanos e finlandeses avançou nessa questão. O estudo foi re-

alizado a partir de testes de QI com gêmeos idênticos e gêmeos fraternos e o resultado mostrou que a inteligência tem ligação com a genética.

No entanto, estas constatações não foram suficientes para extinguir a questão da influência. Segundo os cientistas, o que se herda é a capacidade de ser inteligente, mas isso precisa ser estimulado. Um casal talentoso não necessariamente vai gerar um filho talentoso. A pesquisa mostrou que crianças geradas a partir de óvulos e espermatozóides de ganhadores de prêmios Nobel, não apresentaram a mesma capacidade dos pais.

Outra pesquisa, realizada em 1977, pelos pesquisadores dinamarqueses Mednick e Christiansen comparou a ficha policial de homens adultos adotados com a ficha policial dos pais adotivos e dos pais naturais. Quando o pai adotivo tinha tendências criminosas, 12% dos filhos também as apresentavam. Quando os pais biológicos eram violentos, a estatística passava para 22%. Já quando os dois pares de pais haviam cometido crimes, o número de filhos criminosos era de 36%. O resultado ajudou a demonstrar a importância do ambiente. Isto prova que as características podem se desenvolver tanto geneticamente quanto pelo convívio com o meio.

A divergência entre cientistas e psicólogos em relação a esse assunto, e a falta de estudos que comprovem a supremacia de uma das duas teorias, mostra que não há uma verdade única. Sendo pela genética ou pela influência do meio, o importante é que os talentosos continuem a mostrar seus talentos. O que vale é fazer bem, com prazer, e do seu jeito. 

Filhos famosos de pais famosos

A cantora Maria Rita filha da inesquecível Elis Regina e do compositor César Camargo Mariano, iniciou sua carreira em 2003 e foi acusada pela crítica musical de imitar o estilo da mãe. Superando as comparações, Maria Rita consagrou-se no cenário da MPB. Com seu primeiro CD vendeu mais de 1 milhão de cópias no mundo e já acumula seis Grammy Latinos na carreira.

16valvulas.wordpress.com



Filho do tricampeão brasileiro de Fórmula 1, Nelson Piquet, Nelsinho Piquet, ainda não alcançou grandes conquistas. Atualmente tem sido mais lembrado por protagonizar um escândalo na Fórmula 1, do que por seu talento. Nelsinho assumiu ter provocado o acidente ocorrido durante o GP de Cingapura de 2008, para beneficiar sua antiga equipe, a Renault.



bafanaciencia.blog.br



Edinho, filho de Pelé, considerado o maior jogador de futebol de todos os tempos, não chegou nem perto do sucesso alcançado pelo pai. Atuou no Santos como goleiro, mas era considerado pela mídia como um jogador apenas mediano. Após o fim de sua carreira, passou a ter problemas com a Justiça, foi preso e condenado por tráfico de drogas.

www.last.fm/music



Filhos do famoso cantor sertanejo Xororó, a dupla Sandy e Junior seguiu os passos do pai e chegou a vender mais de 16 milhões de discos. Sempre demonstrando serem donos de um grande talento, não enfrentaram grandes problemas com as críticas. Separados desde 2007, Junior é integrante da banda de rock Nove Mil Anjos e Sandy prepara um CD para ser lançado em 2010.

Fazendo diferente

O dom para profissões inusitadas

CAROLINA MEDEIROS E JULIA DÂMASO

Saber lidar com fortes emoções e ter o controle sobre elas não é para qualquer um: tem que ter muito talento. Conseguir transformar medo em coragem, ansiedade em estímulo e nervosismo em força são algumas das habilidades que fazem parte do cotidiano de certos profissionais. Eles têm o dom de usar esses sentimentos a seu favor para conseguirem desempenhar, com destreza, suas funções.

Desde artistas circenses e dublês até médicos legistas, a capacidade de manter o equilíbrio, tanto físico quanto psicológico, é primordial. Afinal, é desta maneira que esses profissionais conseguem mostrar para a sociedade que nem tudo o que é considerado incomum ou arriscado é negativo. Existem pessoas que têm o prazer em exercer funções que a maioria da população prefere só ver de longe.

Respeitável público, o espetáculo vai começar!

Com apenas 18 anos, Lucas Nunes faz parte de um dos números mais esperados do Circo Las Vegas: o globo da morte. Nesta atração, alguns motoqueiros andam com suas motocicletas por dentro de uma espécie de jaula em forma de esfera de aço.

Lucas conta que nasceu no circo e desde criança já se encantava pelo globo da morte. Foi devido a esse fascínio que, aos 10 anos, ele começou a treinar no globo com uma bicicleta. Na medida em que foi se aperfeiçoando na atividade, passou a usar uma motocicleta e hoje tem orgulho de ser chamado de globista. Para ele, o medo já é um obstáculo superado: “No início, eu sentia um frio na barriga, mas com o tempo perdi o medo até porque quem tem medo nem entra no globo. Eu gosto da adrenalina do momento.”

O jovem também diz que é muito gratificante sentir o carinho do público após o fim da apresentação e que não há nada melhor do que escutar os aplausos. O globista conta que chegou a sair do circo para cursar uma faculdade de direito, mas a saudade apertou e ele acabou voltando para aquilo que mais o fazia feliz.

Quem também teve a experiência de largar o cir-



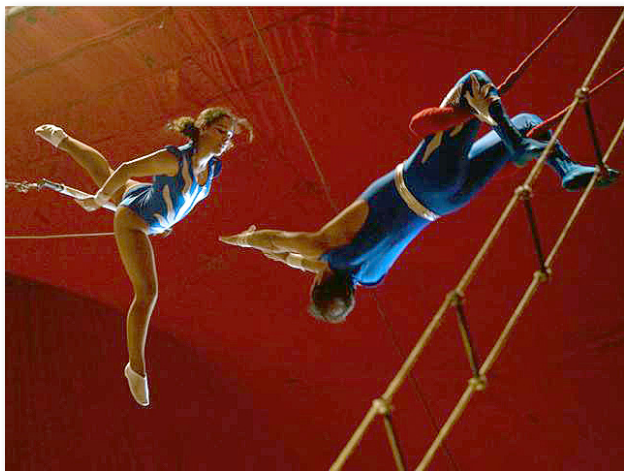
Lucas Nunes e seus companheiros do globo da morte antes de uma apresentação

co em busca de outro estilo de vida foi o trapezista argentino Javier Bertolini, de 30 anos. “Como somos ambulantes, às vezes temos vontade de experimentar uma vida mais estável. Eu saí um tempo para estudar, foi uma experiência produtiva. Mas o circo é um ímã, ele nos puxa de volta” – explica.

Além dessa capacidade de atração, para o trapezista o picadeiro é o lugar onde suas preocupações desaparecem. Ele diz que quando não está bem, basta começar o seu número que tudo passa. “É como se a gente estivesse fora de si durante a apresentação. Só depois que acaba é que parece que o nosso espírito retorna. Este é o momento em que a gente relaxa.”

Javier afirma que o medo é seu aliado na hora de se apresentar. Segundo ele, o temor é essencial porque senão a pessoa fica muito confiante e, conseqüentemente, não se prepara da maneira correta.

O dom e o prazer da arte circense estão tão presentes na vida do trapezista que fizeram com que o *hermano argentino* deixasse o seu país, há três anos, para tentar a vida no circo brasileiro. De acordo com Javier, na Argentina este ramo não era tão valoriza-



Javier Bertolini num momento de total concentração: seu número no trapézio

do quanto aqui no Brasil. Para ele, uma das maiores vantagens da mudança foi poder visitar regiões do país que nem todos os brasileiros conhecem.

O ex-domador de leões, Irineu Nunes Júnior, de 43 anos, também teve que lidar com o perigo durante 15 anos de sua vida. Ele relata que sempre gostou de bichos e que o grande segredo para exercer essa função que todas as pessoas temem é fazer com que o animal se apegue ao domador desde filhote. “É preciso criar um laço de amizade com os leões. Para mim, era como se eles fossem cães ou gatos. Eu tinha um prazer muito grande em trabalhar com esses animais” – explica.

Luz, câmera, ação!

Após o diretor dar a largada para o início de uma cena de ação não há como voltar atrás. E os dublê sabem disso melhor do que qualquer outro ator. Agnaldo Bueno, de 38 anos, trabalha na profissão há 15. Ele explica que é preciso estar muito concentrado, pois o seu objeto de trabalho é o próprio corpo. “Tenho medo de sofrer acidentes graves que me impossibilitem de fazer o que eu adoro. Por esse motivo, me equipo sempre. Existem dublê que adoram cicatrizes, mas o bom profissional não deve se machucar nunca”.

Apesar da consciência de que é preciso se preparar bem, o dublê relata que já sofreu acidentes durante uma gravação. Agnaldo executou mal uma queda de cavalo enquanto ensaiava uma cena para a minissérie da Rede Globo, *A casa das sete mulheres*, em 2006. O tombo resultou na fratura de um pulso, o que fez com que o profissional começasse a tomar mais cuidado em suas encenações.



Agnaldo Bueno no que mais gosta de fazer: atuando como dublê no filme *Os mercenários*

O dublê, que também já trabalhou como despachante policial e foi proprietário de uma boate em Minas Gerais, diz que não pensou duas vezes quando teve a oportunidade de seguir a carreira: “Há exatos 15 anos eu estava em casa lendo um jornal, quando me deparei com uma reportagem sobre um curso de dublê no Brasil. Na época, eu pensava muito nisso, mas não sabia que aqui isso era possível. Anotei o telefone e já no dia seguinte estava matriculado no curso.”

Hoje, Agnaldo afirma que se sente realizado na profissão e que só quem tem talento para ser dublê sabe o prazer que essa ocupação proporciona,

“Com o tempo, nos acostumamos com o trabalho e o fazemos com mais tranquilidade”

Paulo César Rodrigues - médico legista

Yvan Tomaz e outros atores em cena do filme *Natal no Rio*

mesmo com todos os perigos que ela representa.

Ele se orgulha de ter, em seu currículo, muitas participações e destaca as três mais recentes: no filme *Os mercenários* (*The Expendables*), dirigido por Sylvester Stallone; em *A hora e a vez de Augusto Matraga*, uma adaptação do livro de Guimarães Rosa, dirigido por Vinícius Coimbra e em *Pólvora negra*, do diretor André Kapel.

Yvan Tomaz, de 25 anos, também substitui outros atores em cenas de risco e garante que tem prazer em desafiar o perigo. O dublê diz que sempre foi fã de filmes de ação e que no ano de 2005 teve a oportunidade de conhecer melhor a ocupação: “Um amigo me apresentou a um coordenador de ação, dono de uma equipe de dublês, e eu comecei logo a treinar. A partir daí não parei mais. A cada dia que passa me apaixono mais por essa profissão.”

De acordo com Yvan, para se executar uma cena com perfeição, segurança e sem sair machucado, é preciso focar na marcação da cena que foi feita.

“A adrenalina não deixa você sentir medo na hora da cena. Naquele momento, você se isola do mundo, o medo é a única coisa que não passa na sua cabeça. É só se benzer, pedir a Deus que dê tudo certo e bola pra frente!”

E parece que as táticas de Yvan estão dando certo. Ele já participou de várias produções como a série *Força tarefa*, da Rede Globo; a novela *Chamas da vida*, da Rede Record e um longa-metragem italiano filmado no Rio de Janeiro. *Natal no Rio*, do diretor Neri Parenti, ocupou a segunda colocação no *ranking* dos filmes mais vistos na Itália em dezembro de 2008.

Alguém tem que fazer o trabalho pesado

Ao entrar numa universidade para cursar medicina, o estudante tem uma variedade de opções para esco-



Paulo César Rodrigues garante: médicos também se emocionam

lher como especialização. Mas o que leva uma pessoa a escolher trabalhar com mortos ao invés de vivos?

O médico legista Paulo César Rodrigues, 61 anos, tem uma explicação para a escolha. Ele diz que quando começou a trabalhar, entrou nessa área mais por causa da remuneração. Porém, com o passar do tempo, se apaixonou pela profissão e a questão financeira acabou ficando em segundo plano.

O médico, que também é obstetra e está se aposentando pelo Instituto Médico Legal (IML), conta que admira muito esse ramo da medicina e diz que, apesar de ser uma função “pesada”, alguém tem que fazê-la. E é disso que ele se orgulha.

“Se ninguém fizer, como vamos ficar? Com o tempo, nos acostumamos com o trabalho e o fazemos com mais tranquilidade. É gratificante quando vemos uma perícia bem feita. É justo com a vítima e com a família” – comenta. No entanto, Paulo garante que o trabalho não é feito de forma fria. Ele conta que no processo de necropsia os legistas lidam com corpos, muitas vezes não identificados, mas que isso não invalida emoções. “Médicos choram sim! Quando é parente ou amigo é ainda mais complicado, isso mexe muito com o nosso emocional. Eu também nunca gostei de fazer necropsia em criança. Tem casos que impressionam a gente”.

Porém, esses choques não foram o suficiente para fazer com que o médico largasse o amor pela medicina legal. Agora, mesmo em processo de aposentadoria, ele conta que vai ministrar cursos para as pessoas que foram aprovadas no concurso para entrar no IML. “Adoro ter contato com novos peritos e poder passar o que aprendi adiante. Afinal, lidar com a morte tão de perto é bem difícil” – encerra. ✖

Sem pressa

Uma corrida para o sucesso

DANIELLA ALBERNAZ E JULIA COHEN

Se você nunca ouviu falar em livros como *Harry Potter* ou *Crepúsculo* sintam-se por fora. Os números que envolvem ambas as séries são recordes mundiais. Juntos eles somam cerca de mais de 500 milhões de exemplares vendidos e uma incontável legião de fãs. A saga de sete livros do bruxo fez tanto sucesso que foi parar nas telonas, arrecadando umas das maiores bilheterias de todos os tempos.

Trilhando o mesmo caminho, o romance entre uma adolescente, um vampiro e um lobisomem, narrada em quatro livros pela autora Stephenie Meyer, além de estar nas listas dos mais vendidos, teve seu primeiro filme lançado no fim do ano passado. Com uma bilheteria astronômica, a continuação da história foi um dos filmes mais aguardados de 2009 e enquanto isso não acontece, *Eclipse*, o terceiro da série, já está sendo filmado.

Apesar de abordar temas diferentes, ambos renderam às suas autoras fama e muito dinheiro. E, assim como na fantasia de suas obras, as escritoras parecem ter chegado ao topo como em um passe de mágica. Mas, a realidade que se esconde por trás dos grandes sucessos de vendas não é tão simples assim. A estrada que se percorre é longa e, na maioria das vezes, o sucesso só é alcançado depois de anos.

O caso da escritora carioca Thalita Rebouças, que surgiu como revelação a partir da Bienal do Livro, em 2001, é um exemplo da dificuldade de emplacar um livro. Autora de obras como *Tudo por um Pop Star* e *Fala sério, mãe!*, destinada ao público infanto-juvenil, ela escrevia há 10 anos até conseguir reconhecimento. Em 2003, Thalita assinou com a Rocco, uma das grandes editoras do país. E foi a partir daí que ela conseguiu maior visibilidade.

“Eu não acredito em sucessos instantâneos na literatura. Mesmo *best-sellers* mundiais como J. K. Rowling, Dan Brown, Stephenie Meyer e Paulo Coelho ralaram muito pra chegar lá. Acho que isso de sucesso instantâneo acontece mais com atores, cantores, bandas...” – afirmou Thalita.

Ana Martins Bergin, há 10 anos gerente editorial de infanto-juvenil da Rocco, também acredita que o sucesso leva tempo e depende de inúmeras circunstâncias. Para ela, um dos motivos de *Crepúsculo* ter se tornado um fenômeno foi o fim de *Harry Potter*. “Esses fãs cresceram com a história do bruxinho e suas aventuras e quando ela, depois de quase 10 anos, chegou ao fim, eles se tornaram uma espécie de órfãos. Dessa forma, *Crepúsculo* acabou adotando esses leitores que já tinham um mundo da fantasia”.



Thalita Rebouças - sucesso infanto-juvenil

Lançando talentos

Apostar em um novo autor é uma tarefa difícil, pois gasta o tempo e imagem da editora, além de demandar muito dinheiro. Ana afirma que não existem fórmulas para a seleção dos livros, mas alguns itens são levados em conta. Nos livros infanto-juvenis, por exemplo, é preciso ter ou aventura, ou emoção ou comédia. Se o livro conseguir reunir os três temas, tem grandes chances de se tornar um sucesso. Mas, é preciso, sobretudo, ter talento e criatividade.

Mas será que as aventuras do bruxo *Harry Potter*, criada por J. K. Rowling, despontaram como su-



J. K. Rowling e o último livro da série Harry Potter

cesso assim que foram lançadas em 1998? “Nem o Harry Potter teve essa fórmula mágica, porque a autora foi recusada em muitas editoras até, finalmente, alguém olhar para aquela história com outros olhos e resolver bancá-la” – afirmou a gerente editorial infanto-juvenil.

O leitor precisa se identificar de alguma maneira com a história seja com o personagem principal, a mãe, o irmão, a avó, o passarinho. Além disso, o diferencial é a forma de escrever, porque é possível ter itens fantásticos de uma história, mas sem uma aproximação com o público não há vontade de ler.

A verdade é que é fundamental correr atrás e ser bastante persistente. Segundo Thalita, achar uma editora com o perfil do seu texto também ajuda. Muito importante também é ser original. Segundo Ana, a série milionária de *Crepúsculo* foi recusada pela Rocco. Na época, apesar do su-

cesso lá fora, a editora achou que já tinha livros o suficiente sobre vampiros e lobisomens. Foram eles que lançaram, aqui no Brasil, a escritora Anne Rice, do livro que virou filme, *Entrevista com o vampiro* e Guillermo Del Toro, autor da *Trilogia da escuridão*, todos *best-sellers*.

A concorrência é outro fator importante. Mesmo entre autores considerados promissores, os baixos investimentos em cultura limitam o número de livros publicados. Por isso, novos escritores precisam sempre buscar alternativas para a divulgação e venda de seus textos. Uma opção recente são as editoras on-line onde é possível criar todo o livro pela internet. Além disso, existem os blogs onde as pessoas podem publicar os conteúdos diariamente.

Dessa forma, há cada vez mais concorrência para as editoras, ainda mais com o avanço da tecnologia. Mas existem muitos casos, como o de professores e es-

tudiosos, que carregam seus livros para todos os lugares e em vez do peso, preferem um pequeno ibook ou palmtop onde podem armazenar tudo. Mas que em suas casas, na hora de ler um romance, preferem sentir as folhas dos livros em suas mãos. Por causa disso, Ana não acredita que as editoras estejam perdendo nessa disputa.

A editora ainda acredita que vai haver uma nova ordem de leitura e, cada vez mais, novas formas serão criadas. Entretanto, apesar da grande visibilidade que a internet pode oferecer, isso não quer dizer que o livro será lido. Além disso, depois de publicado na rede, é pouco provável que um autor consiga lançar o mesmo livro em uma editora, porque ele perde sua originalidade.

“Nada impede que um blog vire livro, na verdade existem vários casos assim. Nós fazemos recortes e tal. Mas todo texto novo e inédito tem uma maior probabilidade de ser lançado” – disse Ana.

E é um fato que o papel das editoras ainda tem bastante peso. Thalita por exemplo, viu sua carreira decolar quando mudou para a Rocco. “No meu caso, o sucesso veio com a junção de batalha, perseverança e uma ótima editora. Porque uma pequena editora não tem o poder de distribuição de uma grande, e acho que essa é a principal diferença. Então, o autor publicado por uma pequena corre grande risco de ficar frustrado por não ver seus livros nas livrarias” – contou Thalita.

Ana citou J. K. Rowling como exemplo, que teve grande parte do seu sucesso devido ao trabalho de *marketing* e publicidade. A editora além de contar com um excelente texto, soube aproveitar os momentos para vender os produtos.

Segundo ela, as resenhas que saem na mídia também são fun-

damentais, porque as velhinhas, no dia seguinte, estão com os recortes dos jornais indo às livrarias.

Só que existem muitos mais livros do que as editoras podem publicar e, por isso, foi criada a “gaveta”. Na verdade, em teoria, todos os livros da “gaveta” serão publicados, até porque eles têm prazo de contrato. Mas essas datas podem variar bastante e por isso alguns autores ficam bastante chateados.

Para que ninguém saia prejudicado é criada uma estratégia de lançamento que pode ser por tema, por idade ou mesmo por momento. Então estar na “gaveta” já faz o escritor se sentir por dentro, fazendo parte daquilo. A única diferença é que ele não sabe exatamente quando seu livro será publicado.

Para conseguir entrar numa “gaveta” o primeiro passo é registrar seu livro na Biblioteca Nacional. Depois entrar no site das editoras e preencher

os formulários. Segundo Ana, não adianta escrever email com choradeira. Os textos só chegam com título, resumo e autor. Mas escrever no resumo um bom motivo pelo qual seu livro deveria ser publicado já é uma dica e claro, informações bem escritas também são bem-vindas. “Só não muda o título e manda o texto de novo! Nada mais irritante do que o autor achando que vai nos enganar” – brincou Ana.

O negócio é ser bem criativo e se divertir com seu texto. O sucesso não virá rápido, mas segundo a Thalita, os obstáculos não só estimulam como oferecem amadurecimento para o autor.

“Vou dizer uma frase do Raul Seixas, que eu adoro: “É chato chegar a um objetivo num instante”. Fazer sucesso agora, depois de tantos anos de batalha com 10 livros no currículo, é muito melhor do que se eu tivesse estourado no meu primeiro livro”.



Stephanie Meyer autografando *Crepúsculo*, um de seus sucessos

Então é ter paciência e correr atrás. Afinal, as editoras vão continuar existindo, os livros sendo publicados e o público esperando novos títulos. “Porque apesar das novas tecnologias, se ‘acabar’ a luz... Os livros ainda vão estar por aí” – Ana concluiu rindo. ✨

Na carona do sucesso

Quanto maior o sucesso mais as pessoas tentam usufruir da aparição na mídia.

E, dessa forma, vão surgindo publicidade de todos os lados. Com a onda de *Crepúsculo*, propagandas como “crepusculinho para pequenos” ou “Morro dos Ventos Uivantes. O livro predileto da Bella” puderam ser vistas por aí. E nem todas necessariamente autorizadas pela autora. Para Ana, essas caronas são normais e não existe bem um certo ou errado para esse tipo de atitude.

Outro ponto comum são os filmes baseados e, na maioria das vezes, homônimos. Só que estes possuem sempre dois lados. Em casos como o da trilogia do *Senhor dos anéis* e *Harry Potter*, tantos os filmes viraram sucessos como trouxeram mais leitores. Porém, há casos como o da *Irmandade das calças viajantes*, uma série de quatro livros traduzida pela Rocco, que não fez o menor sucesso. E ainda por cima, decepcionou os fãs. Isso pode acabar por afastá-los, em vez de trazer um novo público.

Só que quando os livros e os filmes vendem muito bem, aí as portas para a criatividade são escancaradas. Canetas, blusas, copos, pratos, cadernos, agendas, maquiagem, perfumes, comidas. Tudo o que é possível e impossível é criado em cima daquele mundo ficcional prolongando cada vez mais o sucesso da história.

Cartaz do filme *Crepúsculo*



Perdidos e achados pela rua

Artistas que não estão na mídia fazem sucesso nas ruas da cidade

MARIANA BARRETO E MARÍLIA SARKIS



A arte e a nudez nas obras de Eduardo

Pintor de quadro, cenário, parede, além de decorador, desenhista, fotógrafo, ele também faz maquetes e cartazes. Quando começou a desenhar aos quatro anos, e a pintar aos sete, Eduardo Marques não imaginava que esse talento lhe possibilitaria exercer oito profissões.

Aos sábados e domingos, sai de sua casa, em Sepe-tiba, para expor sua arte em uma feira, em Copaca-

ba. É possível ver em seus quadros a preferência por um tema em especial: a nudez. Explorar o nu de belas mulheres faz parte da vida do artista. “Minha vida é estar no meio de mulheres. Meu trabalho só é possível porque elas posam para mim”.

O mesmo nu que provoca a admiração da maioria, já lhe trouxe problemas: “Quase fui preso por causa dos meus quadros. A polícia quis confiscar tudo



Bira homenageia o Rei do Pop nas areias de Copacabana

depois da reclamação de uma pessoa que achou os quadros eróticos demais.”

Reconhecido por pinturas que representam a cultura negra, o artista chegou a ser convidado para a elaboração da capa do CD *Soul of Brazil*, mais conhecido no exterior. Os quadros, que na feira custam entre R\$ 250,00 e R\$ 500,00, chegam a até US\$ 3,000.00 na internet (www.novica.com). Os turistas são os seus principais clientes e a alta temporada, verão e julho, é a melhor época para as vendas.



Soul of Brazil, sucesso no exterior.

Assim como para outros artistas que trabalham na rua, o mau tempo é o principal obstáculo. “Espero expor minhas obras em um lugar fechado. A chuva prejudica muito meus quadros”, lamenta o pintor que já expôs seu trabalho em hotéis como o Le Meridien.

Apesar de todas as adversidades, Eduardo se sente completo profissionalmente: “Pinto pra mim em primeiro lugar, ser reconhecido por terceiros não me importa muito. O que eu faço é o que me agrada.”

Talentos de areia

Basta sair da feira e atravessar a rua para deparar-se com outro tipo de arte. O que poderia passar despercebido por muitas pessoas, já que existe em grande abundância na praia, vira matéria prima do trabalho de alguns.

Ubiratan dos Santos, conhecido como Bira, trabalha há 12 anos como escultor de areia. Sua especialidade é esculpir mulheres que se tornaram sucesso internacional. Mulheres com belos corpos, como Viviane Araújo e Juliana Paes, são a inspiração para o trabalho do artista.

Há quem goste, quem critique e quem duvide de suas esculturas. “Uma vez uma pessoa pediu para que eu fizesse uma escultura na hora, na frente dela,



Castelo imaginário com suas 35 torres. No detalhe o artista dá vida à sua obra

para provar que era eu mesmo quem fazia.” A pessoa não teve que esperar por muito tempo, Bira demora em média 20 minutos para fazer uma mulher de areia.

Na época da morte de Michael Jackson o escultor se antecipou, prestando homenagem ao Rei do Pop logo no dia seguinte. Ele fez uma escultura do cantor que foi seu trabalho de maior repercussão. Em apenas dois dias, 500 pessoas foram à praia de Copacabana, na altura da Rua Miguel Lemos, tirar foto com a escultura. Esse fenômeno fez com que a mídia também o procurasse e sua obra fosse parar em jornais, na internet e em blogs.

O escultor afirma que o público gosta de seu trabalho: “Vivo das contribuições que me dão na praia”. Além disso, ele mesmo se considera um artista talentoso. “Me amarro (sic) no meu trabalho, em arte. Sou arteiro”.

A poucas quadras dali, na altura da Rua Siqueira Campos, encontramos o início do “Parque de esculturas” planejado por Ives Pereira. Há 11 anos no ramo da escultura em areia, é fácil perceber o nível técnico e artístico de seu trabalho. O escultor aprendeu o ofício com Roberto Souza, a quem chama de mestre, a primeira pessoa a trabalhar com isso na praia de Copacabana, em 1983. Hoje, Roberto é seu parceiro na elaboração das obras.

Seus projetos não são pequenos. No dia 17 de maio, Ives iniciou a construção de um castelo que atualmente possui 35 torres e com previsão de ter 150 até o final do ano. É com água, areia e um fixador que o público passa a ter acesso ao imaginário do artista. Ele realiza o trabalho a partir dos seus impulsos, tendo apenas algumas referências de arquitetura pesquisadas em revistas. “Tudo que está aqui vem da

minha cabeça. A minha imaginação vai longe”.

Com pretensão de deixar o castelo exposto por aproximadamente cinco anos e após ter sofrido a destruição de alguns trabalhos durante a noite, atualmente Ives se vê obrigado a deixar um vigilante tomando conta da obra 24 horas por dia.

Seus trabalhos chegaram a receber patrocínio de grandes empresas, como o Banco do Brasil, e o artista disse já estar à procura de outros patrocinadores para seu novo projeto. Ocupando uma área de 16m², o “Parque de esculturas” vai ter, além do castelo em construção, uma pirâmide e outra escultura ainda não definida. Ao lado do complexo, Ives pretende criar uma escola de arte para escultores de areia, onde ele e seu mestre ensinarão a metodologia do trabalho.

O dinheiro arrecadado com as esculturas é o sustento do artista. Nas altas temporadas, janeiro e julho, o artista consegue arrecadar em torno de R\$ 5.000,00.

“Cada um contribui com o que pode e acha que o trabalho vale. Uma vez teve um gringo que me deu 500 euros. Foi a maior nota que já ganhei.”

Procurados pela Secretaria Municipal de Cultura, em julho, os artistas das areias de Copacabana participaram do Viradão Cultural e do ano da França no Brasil. A proposta era que cada escultor produzisse uma obra relacionada ao país das baguetes. Ives e seu parceiro representaram a Bastilha.

Música na rua

Não são só areia e pincel que produzem obras: notas musicais também são ferramentas utilizadas pelos talentos de rua. Desde 2007, quem passa pelo Largo do Machado pode conhecer a arte do violonista David Cheldon. Amante de música desde seus 10 anos, ele divulga seu trabalho também no Largo da Carioca, no centro da cidade, na Praça Saens Peña.

O artista, que não gosta de ser interrompido e dá entrevista entre uma música e outra, já inicia o papo provocando: “Pode escrever aí: um dos maiores violonistas do Brasil toca na rua. (...) Me sinto (sic) um Baden Powell.”



David e sua música no Largo do Machado

David coloca a culpa na mídia, principalmente no rádio, pelo não reconhecimento do seu trabalho. “A mídia não tem espaço pra mim, não dá apoio a músicos de rua. Só vê o lado comercial. As pessoas não têm cultura musical porque o rádio não a transmite, só toca porcaria. O rádio deveria acabar ou divulgar mais os músicos.”

Com CDs feitos por uma gravadora independente, o violonista prefere vendê-los na rua a levá-los a lojas, que exigem uma tiragem maior e diminuem o lucro do instrumentista. O músico afirmou vender uma média de 100 CDs por semana, dependendo das condições do tempo.

O maior objetivo de David não é a fama. Quando era adolescente, com banda e composições próprias, chegou até a almejar o sucesso, mas atualmente só pretende comprar sua casa própria.

Muitas pessoas passam elogiando e aplaudindo o artista enquanto caminham para seus destinos. Ele reconhece essa atenção do público: “A rua é a vitrine para o artista.”



Talentos na noite do Rio

*A vida de quem faz as noites cariocas
serem muito mais que apenas uma festa*

PEDRO RENAUX E PEDRO ROCHA

Sábado à noite, a partir das 22h. Esse é o dia e o horário combinado para os jovens cariocas se encontrarem em um lugar e começarem a *pré-night* que, entre um gole e outro de bebida alcoólica com energético, ajudam o aquecimento para a noite que está por vir e não terá hora para acabar. No entanto, para essa geração, não há muitas opções de festas noturnas e a maioria se divide entre as boates da Zona Sul, da Barra e os bares da Lapa. Para tentar mudar o quadro atual e toda essa gente poder ter mais lugares para se divertir, um pessoal talentoso está agindo nos bastidores da noite do Rio e tirando todos da monotonia. Estamos falando dos *promoters* e organizadores de eventos que lutam para manter o glamour da noite carioca.

Para quem pensa que os profissionais da *night* levam uma vida fácil, é aconselhável pensar mais uma vez. Os *promoters* planejam, promovem e administram todo o evento realizado. Para começar, é preciso definir junto ao cliente o que será (uma festa, um show ou jantar), o local e a quantidade de pessoas. Dependendo do evento que está sendo feito, o profissional pode ter que trabalhar mais de 14h por dia, falar em dois celulares ao mesmo tempo, controlar diversas listas de convidados, e



Promoters Zé Nigri e Bruno Malta em festa na Baronneti

claro, tentar agradar a todos.

O desafio não é fácil e por isso a *Eclética* foi atrás dos principais talentos que vêm surgindo na noite carioca para procurar entender como e o que faz um evento “bombar” para diversos tipos de jovens dos mais variados gostos musicais e culturais.

Há mais de 10 anos organizando eventos pelo Rio, Zé Nigri é um dos responsáveis pela agitação da Zona Sul e a prova viva de que noite não é fácil. Para ele, o apoio de seus pais foi muito importante para ter coragem de

seguir em frente: “Minha família sempre me deu carta branca, mas me orientavam a ver a noite como negócio, não apenas diversão. Por isso, desde que comecei, me preocupo em separar as noites em que eu trabalho das que vou apenas para me divertir. É muito importante não misturar trabalho com diversão”. Toda sexta-feira ele organiza a festa na mais conhecida boate de Ipanema e uma das mais famosas da cidade, que costuma receber diversas celebridades e esportistas, a Baronneti. Segundo ele, é difícil conseguir lu-

crar: “Poucos ganham dinheiro, a maioria leva prejuízo. É preciso ter certeza de que você quer essa vida porque é diferente de quem trabalha em uma empresa que ganha o salário certinho no final do mês. Na rotina do *promoter* você pode ganhar muito bem em um mês e trabalhar de graça no outro, é preciso ter organização financeira”, alerta.

Como agradar a todos os gostos?

Além do problema em administrar o dinheiro que envolve promover uma festa, outra dificuldade é saber o que as pessoas estão querendo fazer. Para o organizador não tem como fugir dos clichês: “O pessoal quer mesmo é se divertir, conhecer gente nova, fortalecer sua auto-estima e beijar na boca”. O estudante de engenharia da PUC-Rio, Daniel Scarambone, 21 anos, pensa como Zé, mas acha que o preço das boates está muito alto: “O que eu quero é música boa e bebida barata e é difícil encontrar isso nas boates da Zona Sul. Meu objetivo é chegar sozinho e sair acompanhado”.

Apesar da constante busca por novos lugares, a Pizzaria Guanabara, no Leblon desde 1964, pode ser considerada um exemplo de estabelecimento que se tornou parada obrigatória para quem quer estender a badalação. As clássicas mesas de alumínio da varanda ficam sempre lotadas, de segunda a segunda, garante o *maître* da casa João Reis: “Por aqui passaram Cazuza, Lobão e grandes nomes da cultura carioca e brasileira, o que dá mais charme ao local. O bar é diferente dos outros porque as pessoas não sentam aqui para beber e depois se deslocar para outro lugar, quem entra não quer sair”. Algo curioso é o horário de maior movimento da Guanabara:



A pista da Baronneti lotada

“Nosso horário de pico acontece de 4h30m às 7h, quando as pessoas voltam das festas que estavam para encerrar a noite com chave de ouro. Acho que abrir um negócio na Zona Sul já é meio caminho andado para dar certo”, explica.

Outra alternativa

Mudando de ambiente, vamos à Lapa, antro da boemia carioca que, apesar de diferente da Zona Sul, também tem sua receita de sucesso. Os botequins são a grande atração que, além do chope gelado, possuem música ao vivo e mesas de sinuca, um prato cheio para a malandragem que frequenta o lugar. Na saída do Bar Lapa 40 graus, Antonio Junior Silva, advogado, 25 anos, tentou dizer o que o traz todo fim de semana à Lapa: “Isso aqui é algo que

não dá pra explicar. A atmosfera de alegria que engloba esse lugar é enorme, você encontra desde o pessoal da classe baixa até gente que mora em cobertura em Ipanema. A união do Rio acontece aqui, porque pra mim, carioca de verdade gosta é de cultura, cerveja e samba. Não existe lugar melhor pra unir essas três coisas do que aqui”.

Outro ramo da noite carioca que está em expansão, são sites na internet especializados em divulgação de eventos e publicação de fotos da noitada passada. Os administradores das páginas enviam dezenas de fotografias para diversos eventos na cidade para fotografarem todos que estavam presentes e, no dia seguinte, as pessoas clicadas podem se ver no site fazendo um rápido cadas-

“Não temos horário, muita gente pensa que trabalhar na noite é coisa de desocupado”

Martin Vidal


tro. Com um ano de existência, o Previsão da Night é um exemplo de página bem sucedida. O jovem empreendedor Martin Vidal, de 24 anos, é dono do site e também do Kono Temakaria (restaurante japonês) na Argentina e nos conta como começou sua vida de organizador de eventos: “Foi meio que por acaso, eu passei uma temporada estudando fora e quando voltei, resolvi organizar uma festa de boas vindas. Foram todos meus amigos, a festa foi super badalada. Após algumas semanas, um amigo me convidou pra fazer o segundo andar do Baronneti, e assim

tudo começou. Sempre adorei fazer eventos”.

Um talento múltiplo

Apesar de trabalhar com *marketing* e eventos, o talentoso Martin é formado em direito pela Universidade Cândido Mendes e estava cursando economia na PUC-Rio, mas teve que trancar a faculdade por falta de tempo para administrar seus negócios. Ele ainda explicou como teve a idéia de criar o site: “O Previsão da Night foi uma ideia de fugir da mesmice que temos no mercado. Pensei em um site exclusivo, que cobrisse só eventos que eu gostaria de ir. No

começo tudo é complicado, é necessário contatos, dinheiro para investir e principalmente muito trabalho, mas isso nunca foi obstáculo pra mim”.

Segundo o jovem *promoter* existe um preconceito contra as pessoas que trabalham na noite, mas isso nunca o prejudicou. “Muita gente acha que trabalhar na noite é coisa de quem não tem o que fazer. Eu trabalho muito, tanto para os eventos quanto para outro empreendimento. Não temos horários e a pressão é sempre grande. Não me importo muito com o que os outros falam, me importo em fazer tudo dar certo”, finaliza. 

Os lugares que estão atraindo mais gente na cidade



Nuth Lagoa

A boate abriu este ano na Lagoa, após fazer grande sucesso na Barra e no Centro. Com três andares, existem duas pistas de dança e um restaurante. A boate costuma receber um público com idade acima de 21 anos, que está nas noites a mais tempo e procura um lugar em que se possa dançar e comer algo mais refinado.

Mais informações: Av. Epitácio Pessoa, 1244, Lagoa – Tel: 3575-6850

Baronneti

É uma das casas noturnas que está a mais tempo na noite do Rio, faz mais de cinco anos, e ainda consegue ficar lotada de quinta a sábado. Com dois ambientes, o lugar toca funk, hip-hop e house, agradando ao público bastante eclético. Além dos eventos semanais, é possível marcar festas fechadas, como as

Teen Parties, que são uma espécie de *matinê* para os adolescentes de 11 a 17 anos.

Mais informações: Rua Barão da Torre, 354, Ipanema Tel: (21) 2247-9100

Marina da Glória

Considerada a mais bonita paisagem da cidade, a Marina da Glória recebe eventos de todos os tipos e portes. Exposições, feiras, lançamentos, shows e festas são algumas das possibilidades. O espaço conta com dois pavilhões, um auditório e mais de 12 mil m² para eventos na área externa.

Mais informações: Av. Infante Dom Henrique, s/n, Glória – Tel: (21) 2555-2200

Lapa 40^º

Toda a casa está equipada por rede wireless, com pedidos anotados em palmtop e sistema de cobrança individualizado à base de cartão eletrônico, e o ingresso da gafeira é cobrado à parte. O térreo, um imenso calçadão com pedras portuguesas que lembram a praia de Copacabana, abriga mesas de bar, com pequeno palco para shows. O segundo andar é o espaço reservado para os verdadeiros amantes da sinuca, com mesas de vários tamanhos e bar com cerveja Original. A gafeira fica no terceiro andar com palco para pocket-shows de música brasileira com acústica e sonorização de primeira linha.

Mais informações: Rua Riachuelo, 97, Lapa – Tel: (21) 3970-1329



A arte da tatuagem

A atividade ganha admiradores e supera antigos preconceitos

GABRIELA ROCHA

Tatuagem é o processo de introduzir tinta sob a epiderme para apresentar na pele a arte desejada pelo indivíduo tatuado. O tema já não é mais novidade. Essa é a forma de modificação corporal mais famosa no mundo e é cada vez mais utilizada no Brasil. Temos a ideia de que vivemos num mundo moderno, no qual a liberdade de expressão e igualdade são seus pilares, embora ainda hoje existam aqueles que não apreciam a atividade.

A arte sob a pele não é moda nova. Não se sabe ao certo quando a prática começou, mas um dos registros mais antigos foi detectado no famoso Homem do Gelo – múmia com aproximadamente 5,3 mil anos, descoberta em 1991 nos Alpes. Já as múmias egípcias femininas, como a Amunet, apresentam traços e pontos escritos na região do abdome, indicando, a partir daí, que a tatuagem no Egito Antigo poderia ter relação com cultos à fertilidade.

A tatuagem serviu, também, como identificação de grupos sociais, marcação de prisioneiros, ornamentação e até como camuflagem. Com o cristianismo, a técnica caiu em desuso no Ocidente e foi proibida. Tal tradição somente foi redescoberta em 1769, quando o navegador inglês James Cook realizou uma expedição à Polinésia e registrou em seu diário de bordo o costume local: “homens e mulheres pintam o corpo. Na língua deles, chamam isso de tatau. Injetam pigmento preto sob a pele de tal modo que o traço se torna indelével”.

Cem anos depois, Charles Darwin afirmaria que nenhuma nação desconhecia a arte da tatuagem. Na verdade, dizia que a maioria dos povos do planeta praticava ou havia praticado algum tipo de tatuagem. Em 1873, um artista chamado Gottfried Lindauer (1838-1926) chegou à Nova Zelândia e ficou fascinado pelos Maoris – tribo primitiva do local. Até o final do século XIX, havia terminado mais de 100 retratos que agora fazem parte de uma valiosa coleção de uma Galeria de Arte em Auckland, Nova Zelândia. Sua obra é de grande valor histórico, pois



Tatuagem Maori

é um registro preciso de algumas das mais sofisticadas e artísticas tatuagens Maori.

“Capitão Cook escreveu em 1769: as marcas em geral são espirais e até mesmo possuem grande elegância. Um dos lados corresponde ao outro. As marcas no corpo lembram folhagens, ornamentos, filigranas, mas eles têm um tal luxo de formas que de 1 em 100 primeiros que apareciam exatamente as mesmas, não foram formadas duas iguais a uma análise aprofundada”, de Horatio G. Robley, em trecho de seu livro *Moko ou Maori tatuagem*.



Breno Reis trabalhando os desenhos

Desde a década de 1950 até o século XXI, muitas técnicas foram aprimoradas. Quando a tatuagem chegou ao Brasil, por volta de 1950, havia apenas cinco cores disponíveis, os traços eram grossos, as agulhas limitadas e os desenhos não podiam ser muito trabalhados. Agora, cerca de 70 tonalidades para pele estão disponíveis no mercado, o que possibilita desde o *dégradé* até verdadeiras pinturas na pele.

Além dos avanços tecnológicos, foi fundamental a regulamentação da atividade. O presidente do Sindicato das Empresas de Tatuagem e Body Piercing do Brasil (Setap), Antonio Carlos Ferrari, disse numa entrevista que considera positiva a regulamentação dos equipamentos e tintas que não possuíam nenhuma regulamentação.

“É superpositivo para a população que, a partir de fevereiro (2009), pode descobrir quem são os tatuadores que trabalham com a tinta correta para ser introduzida na pele. As pessoas vão descobrir se a tinta está regularizada ou não, já que na embalagem vai constar o número do registro na Vigilância Sanitária”, afirma Ferrari.

Ele também conta que o próprio Setap já havia pedido a regulamentação dos produtos, depois de notar a existência de materiais sem procedência. “Surgiram muitos produtos ruins e sem procedência nenhuma. Há tintas sem rótulo e não sabemos exatamente o que há dentro dos frascos. Nós levamos esse problema ao conhecimento da Anvisa há cinco anos”, diz.

Apesar de ser muito identificada com a criminalidade e com o sistema penitenciário, a arte da tatuagem nos últimos anos vem virando objeto de sofisticação devido à influência da mídia e, assim, a arte corporal vem se tornando cada vez mais popular. A técnica, hoje, reconhecida e respeitada, atrai cada vez mais adeptos à “Arte”.

Breno Reis, além de tatuador é também estudante de Pintura na Escola de Belas Artes (UFRJ) e forma uma equipe, ARTECORE, que trabalha com aerógrafo em diferentes superfícies. Segundo Breno, o gosto pela tatuagem aflorou quando teve contato com a tatuagem dentro da família – por ser o caçula, chegou a ver muitas tatuagens na irmã e nos primos.

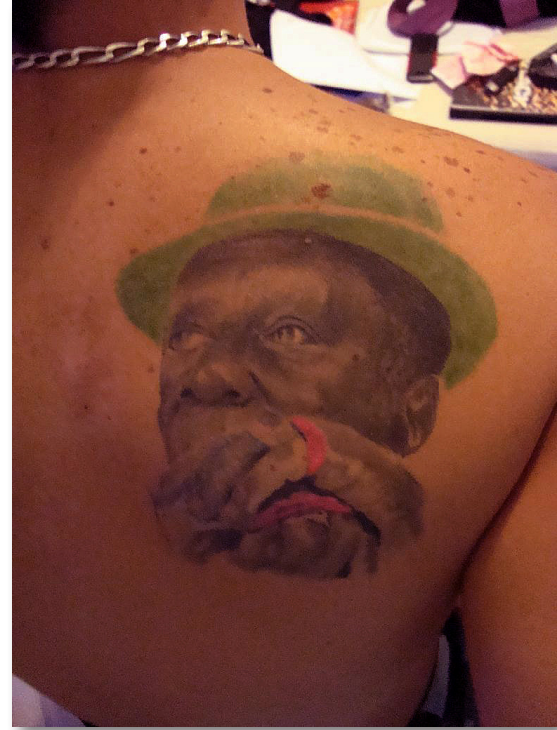
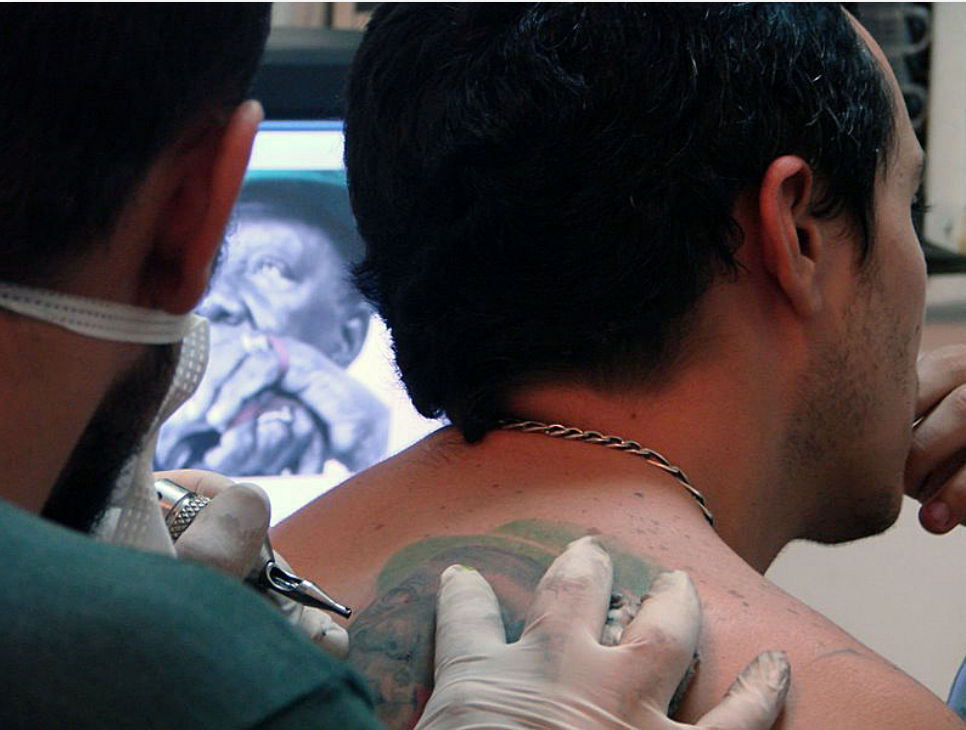
Reis já trabalhou em alguns estúdios do Rio de Janeiro e conhece bem o meio. Hoje ele tem seu próprio trabalho, através do seu estúdio *indoor* – como é chamado o profissional que trabalha em casa, com uma clientela mais seleta. A família do tatuador, por sua vez, consegue ver atualmente o profissionalismo que demanda a atividade. “A minha avó começou a ver o neto dela virando tatuador, virando artista. E mais, levando a sério. Porque antigamente também tinha isso: tatuadores que não levavam a sério o que faziam. Foi muito importante para mim o reconhecimento dela”, conta Breno.

ECLÉTICA: O que é a “tatuagem”?

BRENO: A tatuagem é um movimento artístico feito na pele, que foi usado de diversas maneiras pelos povos do mundo, ao longo da história. Para se fazer uma tatuagem, você pega uma tinta – basicamente natural –, uma agulha ou algum instrumento que faça a incisão e machuque a pele. Assim, você tem uma absorção da tinta. Você destrói uma célula que produz a melanina e coloca ali o pigmento. A pele fagocita esse pigmento até a própria pele se “fechar”. Nesse momento, acontece um processo de cicatrização. Até isso acontecer, a pele vai se “despigmentando”, vai jogando pigmento pra fora.

E: A tatuagem é vista, portanto, de maneiras diferentes ao redor do mundo. Como a atividade ganhou notoriedade ao longo dos anos?

B: Essa relação entre o homem e o fato de você machucar a pele, você marcar a pele de alguém para sempre, é uma relação, historicamente, muito antiga. Sendo assim, você tem em diversas civilizações o princípio do que é, hoje, “tatuagem” – como nos povos maoris, os havaianos e até os egípcios. O Sul da Ásia e os polinésios, principalmente, têm essa relação muito forte com a Arte há anos. Nesses



Breno Reis tatua Leonardo Arruda: Jamelão da Mangueira

lugares, a relação do homem com a tatuagem era, especialmente, tribal, espiritual ou religiosa. Em alguns desses lugares não é só tatuagem e, sim, o body modification, como é chamado hoje em dia – são machucados na pele, cortes. São formações de quelóides trazidas artisticamente.

Nos povos africanos, por exemplo, existe muito isso. Já nos polinésios, no Sul da Ásia, eles tratam a pele como uma forma de remeter às batalhas. Em alguns lugares, como na Índia, usa-se henna na pele, que é uma técnica que se utiliza de uma tinta que sai. No entanto, onde a história da tatuagem é mais forte – como na Austrália e na Nova Zelândia –, ela já é feita através da incisão de pigmento na pele. A tecnologia, como milhões de outras formas de arte, chegou para revolucionar uma popularização da tatuagem. Até o nome é evoluído ('Tatau' é o nome que se deu inicialmente à tatuagem, devido ao som feito pelo instrumento que era utilizado ao bater na pele). Existe uma evolução: tanto em relação ao material, como das agulhas e tintas.

Foi o momento em que começam a aparecer, também, desenhos diferentes – não só lineares, mas desenhos com formas diferentes, como flores, animais ou pessoas. E o homem também foi evoluindo a partir disso. Ao chegar à Modernidade, logo surgiu o equipamento da máquina elétrica, que era inicialmente uma máquina para fazer formas em superfícies lisas – como o metal, por exemplo. Ela foi adaptada e, a partir daí, foi criada a máquina

de tatuagem – que trabalha tecnologicamente como um imã elétrico. Ocorreu, também, uma evolução das tintas. E, desde então, começou a se popularizar a tatuagem. Hoje, você tem uma maior popularização em relação à arte e ao pensamento artístico em torno da tatuagem.

E: Como a atividade chegou ao Ocidente?

B: Todos os povos antigos tratavam a tatuagem como uma situação religiosa, uma situação de guerra. Quando o ocidental passou pela área oriental, trouxe a tatuagem junto com as navegações das Índias e, assim, trouxeram também a tatuagem para o Ocidente. Na época, só os navegadores e pessoas que entravam nos barcos antigos eram vistos como homens que não eram bons de conviver – como bandidos. Eles se tatuavam, portanto, exatamente porque rodavam o mundo. É claro que, na década de 1970, 80, você tem uma popularização muito grande por conta da própria época, pelo momento histórico que o mundo vivia. Você tinha aquela coisa das pessoas rodarem. Esse pensamento da popularização, em si, foi muito em relação à moda, à estética. Saiu daquela coisa suja das cadeias, daquela coisa marginal da agulha – que era um pedaço de ferro e usava uma tinta de caneta – para uma tecnologia mais avançada: agulhas feitas esterilizadas, pigmentos feitos só para aquilo. Foi profissionalizando mais o artista e, nem tanto, o preconceito.



Estúdio Miami Ink: série de TV

E: A que você atribui o fato dela ainda ser vista como uma atitude transgressora?

B: “Transgressora” é uma característica que se encaixa mais na visão da sociedade ocidental e atual. O pensamento em relação à tatuagem, o preconceito em relação à tatuagem, tudo, começou a ser muito quebrado, como eu falei, através da globalização. O boom da tatuagem se deu muito pela globalização.

E: Seria a globalização o que permitiu que a tatuagem pudesse, hoje, ser vista como uma modalidade artística?

B: A “tribo dos tatuados” é, hoje, muito maior do que décadas atrás. Antigamente, se você tivesse vindo dos bairros mais pobres, você era visto como um marginal – no sentido de ser dos bairros pobres – ou você era visto como um bandido, porque nas cadeias, naquela época, existiam muitas tatuagens que eram feitas de qualquer maneira. À medida que o tempo passou, com a globalização, que foi uma das coisas que mais perpetuou a tatuagem e você passou a ter informação para todo o mundo. Ou seja, você percebe que pode chegar a qualquer outro ponto do globo aonde aquilo é uma coisa normal. Então, eu acho que a globalização foi o que conseguiu abrir melhor as portas para a tatuagem e, claro, você também teve artistas que popularizaram a atividade. A população que não tinha dinheiro, antigamente, para se tatuar, começou a se tatuar. E com isso, certos setores da população começaram a ver isso em desenhos mais elaborados, em artistas, que trabalhavam melhor, trabalhavam mais artisticamente, que tinham uma estética mais elaborada.

A partir do momento que se tem nível técnico de tatuagem muito mais avançado, as classes média e alta, começam a ver a tatuagem com uma visão artística. Hoje em dia, com a internet e a globalização, por consequência, você tem uma gama de informações muito maior. E a tatuagem também foi muito ajudada com isso.

E: A mídia é uma das mais influentes formadoras de opinião. O que você acha de programas de televisão como Miami Ink e Rio Ink?

B: Assim como a globalização e a popularização acontecem, ocorre também a banalização. Você chega a um determinado ponto de divulgação desse tipo de arte que você começa a banalizar. Por exemplo, programas como esses – Miami Ink ou Rio Ink, acabam banalizando porque aquilo não é a realidade do cotidiano de um estúdio de tatuagem. Aquilo ali não é o dia-a-dia de um tatuador.

O tatuador, por exemplo, não “dá um rolê” e vai treinar boxe no meio da tarde, se ele tem obrigações ao longo do dia com a tatuagem. Assim como qualquer profissional. No programa você acompanha um momento específico, um lugar específico, um marketing aplicado. O estúdio de tatuagem não é uma loja em Los Angeles. E digo de uma forma geral. Isso não costuma ser visto de maneira positiva por quem entende do assunto. Aquilo ali é um programa feito para leigos, espectadores, observadores. Serve para mostrar a esse telespectador como se faz, mais ou menos, a tatuagem, já que eles também não mostram como é aplicado, como é esterilizado o material, qual o tempo que se perde para se fazer um desenho. Ou seja, como aquilo é feito exatamente. Em minha opinião, é como se passassem a informação de qualquer maneira e fizessem o trabalho de *marketing* televisivo em cima do estúdio de tatuagem, que não é só criação.

E: Existe um público específico que procure mais por tatuagem?

B: O fato de você trabalhar com uma espécie de tela fora do normal, fora dos alcances que se tem, usada pelos artistas “normais” – como a parede, grafite, tela –, a tatuagem acaba atraindo mais os jovens, naturalmente.

E: Qual é a regulamentação que garante a segurança do processo?

B: Eu não posso dizer exatamente como está a regulamentação da profissão, não tenho certeza. Mas posso adiantar que já existe um Sindicato dos



Art Nouveau francesa: propaganda de cigarro

Tatuadores, embora a atividade dos tatuadores seja uma atividade autônoma. Quanto à legislação e o Ministério da Saúde, existe uma responsabilidade do profissional com o equipamento e o seu uso – assim como existem nos cabeleireiros e salões, por exemplo –, que exige a esterilização dos materiais utilizados no processo da tatuagem. Então, as ferramentas de trabalho dos tatuadores devem deixar de ser esterilizadas na “estufa de alta temperatura” para ser tratadas na “autoclave”. Esta, por sua vez, é a mesma peça que o dentista utiliza, já que ele também trabalha com um material que pode ser perigoso para algumas doenças sanguíneas. A autoclave é um material hospitalar, em que você mantém a esterilização. Já a estufa esteriliza, mas não mantém essa esterilização.

E: A tatuagem é a incisão de tinta na pele. Como as pessoas costumam levar isso para o resto da vida?

B: Eu costumo dizer que “não sou tatuador, sou o gênio da lâmpada” (risos). Porque a pessoa so-

nha, imagina uma imagem e aquilo vai para a pele dela. Você tem que transcrever aquela imaginação, aquela imagem que a pessoa quer, para a pele dela. E aquilo vai para o resto da vida com ela. Então você tem uma intimidade com o desenho, de você ter que satisfazer a pessoa que está pensando numa coisa para ela, que é para a vida inteira. Eu não faço um desenho de R\$ 150, por exemplo, porque eu quero ganhar R\$ 150! Eu faço um desenho, seja o preço que for, mas que a pessoa possa lembrar daquele momento. Não é só o desenho, mas também aquele momento que é muito forte, um momento em que a pessoa está marcando o corpo dela para sempre. É um momento em que o cliente vê o desenho e fala: “é esse que eu quero” e, assim, decide qual é o desenho que vai ficar com ela para o resto da vida. Ou seja, a pessoa está te dando confiança ao permitir que o tatuador faça um trabalho bom na pele dela. Sendo assim, ela vai procurar um profissional com quem ela se identifique.



Trabalho da Artecore numa sala em Ipanema: cerca de 6m de largura

E: Como é a relação entre tatuador e cliente. E vice-versa?

B: Para mim é mais uma questão pessoal. A minha relação com o cliente, como eu trabalho dentro de casa, *indoor*, é uma relação mais pessoal, mais íntima. Então, por trabalhar em casa, eu não abro as portas para qualquer um. Este tipo de tatuador costuma trabalhar com o boca-a-boca, usando as tatuagens já realizadas por ele como uma espécie de portfólio na rua. As pessoas veem desenhos nos outros e perguntam: “Ah, quem fez?”. Ao responder, surge a chance da pessoa que perguntou, querer conhecer ainda mais do trabalho desse profissional. Sendo assim, ela se torna um novo cliente, assim como uma nova fonte para outros. Além disso, é muito gratificante você fazer um bom tra-

balho para a pessoa, que depois vira e fala: “esse profissional fez isso e eu vou lembrar dele para o resto da minha vida porque está aqui”. É a minha imagem na memória da pessoa. Eu fico para o resto da vida na memória dela. É muito mais fácil, até, o cliente lembrar de mim e eu não lembrar do cliente porque eu estive ali no momento. Então, a relação da pessoa comigo é maior do que eu com ela, exatamente por eu estar marcando. Então, se você é um profissional que lida com o desenho sob a pele, se fizer com que o cliente veja uma imagem boa daquilo, fique satisfeito, você vai ter uma relação com a pessoa muito melhor, com certeza. Nem sempre você gosta da imagem que pode vir a tatuar, mas se for uma imagem esteticamente bonita, a pessoa vai gostar.



E: *O que o curso de belas artes acrescentou à sua profissão?*

B: Eu entrei para a faculdade de belas artes exatamente para somar à minha técnica da tatuagem, para que eu possa saber mexer – cada vez melhor – com as cores, estudar academicamente desenhos, pintura em si. Eu lido com a tatuagem como uma pintura e eu entrei para a faculdade com essa ideia, de trabalhar com a pintura de formas diferentes. Pedi a um amigo para me ensinar aerógrafo (mais conhecido como Airbrush) e formamos uma equipe – Artecure – que usa outra técnica. É um modo de não trabalhar só com a tatuagem. Com o trabalho do aerógrafo, você também tem um tom pré-estipulado, ou seja, já tem um pigmento na lona, que é até bem pareci-

do com o da pele. É, também, uma forma de você se deslocar um pouco do trabalho com agulha e pele e ver o que é tinta em outros suportes. Em todo caso, é animador o fato de você poder mostrar dentro da faculdade, que você trabalha com um suporte móvel, como acontece com o grafite, a parede ou a tela, mas que é, no caso da tatuagem, a pele humana.

E: *Para você, o que seria uma tatuagem artística?*

B: A faculdade me trouxe uma visão mais artística sobre a atividade. Minha visão hoje em dia é muito mais artística sobre o que é o suporte da pele. A única diferença em relação às demais manifestações artísticas é o suporte: já tem um tom pré-estipulado e reage com a tinta. 